

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

BRUNA RAFAELA VITORINO GALÃO

**ENTRE LETRAS E MELODIAS:
A MÚSICA COMO LINGUAGEM DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA**



PORTO ALEGRE/RS

2018/2

BRUNA RAFAELA VITORINO GALÃO

**ENTRE LETRAS E MELODIAS:
A MÚSICA COMO LINGUAGEM DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Professora Dra Roselane Zordan Costella

**Porto Alegre/RS
2018/02**

BRUNA RAFAELA VITORINO GALÃO

**ENTRE LETRAS E MELODIAS:
A MÚSICA COMO LINGUAGEM DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em 10 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (Pos/Gea UFRGS)

Prof. Mestre Leonardo Pinto dos Santos (UFSM)

Prof.^a. Dra. Ana Clara Fernandes (Colégio de Aplicação/UFRGS)

Orientadora: Prof.^a. Dra. Roselane Zordan Costella (Pos/ Gea UFRGS)

À minha avó Maria da Glória (*In Memoriam*) por ter me ensinado o amor pelo universo, pela natureza, pelas pessoas. Gratidão eterna!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

A esta Universidade, pelo ambiente propício à evolução e crescimento, aos professores que foram sempre dispostos e muito sábios.

Aos colegas e amigos que conheci ao longo do curso por compartilharem tantos momentos da vida acadêmica e as preocupações da vida pessoal.

À minha orientadora, professora Roselane Zordan Costella, por ter despertado em mim a vontade de fazer melhor, de enxergar o impossível nos pequenos detalhes, agradeço por ter sido incansável, acolhedora em diferentes momentos da graduação até o presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos amigos, ao meu namorado Anderson e aos meus dindos Laura e Roberto por entenderem minha indisponibilidade de tempo, por todo carinho, atenção e amor que me levaram a superar as dificuldades.

Ao meu professor de Geografia da educação básica, Cléverson, por aproximar-me desta ciência, pela sua disponibilidade e alegria em me receber em sua sala de aula quando necessário. Ao meu irmão, pela alegria que me proporciona.

Por fim, mas lembrando o clichê de que não menos importante, agradeço à minha mãe- meu maior exemplo de professora- a qual realmente foi minha inspiração para profissão, sempre muito atenciosa com seus alunos. Ao meu pai, Jerry, por toda dedicação para que eu me tornasse quem eu sou hoje. De nada valeria essa graduação, sem o apoio dos meus amados pais. Essa graduação é uma vitória nossa! Obrigada pelo mais verdadeiro amor que eu poderia receber.

A todas as pessoas, que de alguma forma estiveram presentes, meu eterno agradecimento, sem vocês esse sonho não seria possível.

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

O pequeno príncipe - Antoine De Saint Exupéry.

Sei que meu trabalho é como uma gota no oceano, mas sem ele, o oceano seria menor.

Santa Madre Teresa de Calcutá.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo geral discutir a música como uma das linguagens de aprendizagem em Geografia. Como objetivos específicos, a pesquisa evidencia compreender a música como recurso didático no ensino de Geografia, estabelecer relações entre os objetos de aprendizagem da Geografia e da construção do conhecimento e analisar o posicionamento e as reflexões realizadas pelos alunos quanto à utilização da música como parte do processo de conhecimento. Partindo do pressuposto que a música está presente em todas as sociedades, esse recurso é de grande valia servindo como suporte ao componente curricular em sala de aula por fazer inter-relação com a Geografia. A música é uma das infindas maneiras de aproximar/cativar/ensinar o aluno, em razão de que é presente em sua vida, ou seja, o aluno é musical e por meio das músicas pode-se conhecer mais sobre os alunos e conseqüentemente sobre a realidade local em que vivem, articulando-as com o componente curricular de Geografia. Ressalta-se que a profissão professor deve cada dia mais buscar elementos que aproximem e despertem o interesse e participação de seus alunos, a fim de torná-los mais críticos, habilidosos e competentes. Para tanto, por meio de pesquisa quali-quantitativa, referencial teórico e aplicação de questionários trilhou-se um caminho metodológico com o intuito de alcançar os resultados dessa pesquisa, resultados estes que vislumbram horizontes infindos para caminhos mais ou menos seguros.

Palavras Chaves: Geografia. Ensino de Geografia com música. Construção de Conhecimentos. Metodologia. Aprendizagem.

RESUMÉN

El presente trabajo de conclusión de curso tiene por objetivo general discutir la música como un de los lenguajes de aprendizaje en Geografía. Como objetivos específicos, la pesquisa evidencia comprender la música como recurso didáctico en la enseñanza de Geografía, establecer relaciones entre los objetos de aprendizaje de la Geografía y de la construcción del conocimiento y analizar el posicionamiento y las reflexiones realizadas por los alumnos cuanto a la utilización de la música como parte del proceso de conocimiento. Partiendo del presupuesto que la música se hace presente en todas las sociedades, ese recurso es de gran valía, sirviendo como soporte al componente curricular en clase, por hacer interrelación con la Geografía. La música es una de las infinitas maneras de aproximar/cautivar/enseñar el alumno, en razón de que es presente en su vida, o sea, el alumno es musical y por medio de las músicas se puede conocer más sobre los alumnos y, consecuentemente, sobre la realidad local en que viven, haciendo una articulación con el componente curricular de Geografía. Se resalta que la profesión de profesor debe cada día más buscar elementos que aproximen y agucen el interés y la participación de sus alumnos, para tornarlos más críticos, habilidosos y competentes. Para tanto, por medio de pesquisa cualicuantitativa, referencial teórico y aplicación de cuestionarios, se hice un camino metodológico con la intención de lograr los resultados de esa pesquisa, resultados estos que vislumbran horizontes infinitos para caminos más o menos seguros.

Palabras-llaves: Geografía. Enseñanza de Geografía con música Construcción del Conocimiento. Metodología. Aprendizaje.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RESULTADO DA PESQUISA “ O QUE É GEOGRAFIA? ” NOS SITES DE BUSCAS GOOGLE	26
QUADRO 2 – OITO NÍVEIS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA CONCEITOS GEOGRÁFICOS UTILIZANDO A MÚSICA	33
QUADRO 3 – PARÓDIA RELEVO AMÉRICA ANGLO-SAXÔNICA	36
QUADRO 4 – PARÓDIA GRUPO I, TURMA 201	38
QUADRO 5 – PARÓDIA GRUPO II, TURMA 201	39
QUADRO 6 – PARÓDIA GRUPO FAIXAS DE TRANSIÇÃO, TURMA 302	41
QUADRO 7 – EXERCÍCIO APLICADO NO QUESTIONÁRIO	51

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUE TIPOS DE RECURSOS DIDÁTICOS MAIS CHAMA SUA ATENÇÃO?	46
TABELA 2 – CONTEÚDOS PASSÍVEIS DE TRABALHAR COM MÚSICAS	50
TABELA 3 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA EM SUA VIDA? O QUE ELA SIGNIFICA PRA VOCÊ?	52

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDADE DOS ALUNOS QUESTIONADOS.....	44
GRÁFICO 2 – VOCÊ GOSTA DE GEOGRAFIA?.....	45
GRÁFICO 3 – VOCÊ GOSTA DE MÚSICA?	48
GRÁFICO 4 – COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ ESCUTA MÚSICA?.....	48

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
2 “NOS CAMINHOS ONDE BATE, BEM MAIS FORTE O CORAÇÃO” – GONZAGUINHA	16
3 A MÚSICA APENAS PODE SER CANTADA?	18
4 VAMOS CONSTRUIR? A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA POR MEIO DA MÚSICA	26
4.1 CONSTRUÇÕES AO LONGO DO CAMINHO	33
5 É PRECISO IR À FONTE.....	43
6 “ IR TOCANDO EM FRENTE...”	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE	64

1 APRESENTAÇÃO

Antes mesmo que eu pudesse imaginar que cursaria Geografia, o gosto pela música já era existente em mim desde os primeiros anos de vida, em que os diferentes sons já chamavam a minha atenção e curiosidade. Em minha família, a música sempre foi muito presente, tenho tios, primos, e, atualmente, meu irmão que são músicos. Quando pequena, lembro-me de muitas vezes pegar o violão do meu tio e perguntar para ele: “Tio, está saindo algum som? Estou fazendo música?” E ele me respondia: “Sim, está saindo som. Sim, estás fazendo música”.

Desde então, passei a fazer da voz o meu principal instrumento, com apenas dois anos de idade já cantarolava, frequentava karaokês e aos embalos das músicas de Sandy & Junior e Zezé di Camargo e Luciano, minha alegria era plena. Na escola, sempre que tinha apresentações, eu queria cantar, chamava meu tio para tocar comigo, inclusive, os próprios professores sabiam que eu cantava e me convidavam para fazer apresentações em datas festivas. Era engraçado, que enquanto a maioria das crianças da minha idade escutavam músicas infantis, eu escutava (gostava/gosto até hoje) por influência dos meus pais e tios, cantores como Marisa Monte, Elis Regina, Lulu Santos, dentre outros clássicos da Música Popular Brasileira.

Sou uma pessoa muito eclética, cantava e gostava de diferentes gêneros musicais e sempre questionava muito as letras das músicas. Lembro que minha mãe escutava muito a cantora Elis Regina, um dia enquanto ela ouvia a canção “Como nossos pais” quis entender o porquê Elis cantava: “Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais”, então minha mãe me explicava, até que eu ficasse satisfeita. Passei então, por meio da música, a ser uma pessoa crítica, curiosa e questionadora. Conforme o tempo passava, tornava-se possível observar a facilidade musical que eu vinha construindo, no que tange aos ritmos, melodias e letras, seguidas de análises e reflexões sobre as diferentes composições.

Aos onze anos de idade, aquele bom e velho violão que a meu ver, só saía “barulhos”, passou a receber acordes e melodias pelas minhas mãos. Cada vez então, eu questionava mais e mais sobre o porquê de tudo não ser música, assim, em meu pensamento, as atividades, os conhecimentos a serem construídos e partilhados seria realizado de maneira mais prazerosa. A música, desperta em mim a sensibilidade de olhar o mundo, me inspira, me anima, me move. Sempre quando não estou ouvindo música, fico cantarolando (às vezes mentalmente). A música faz parte da minha existência, do meu dia a dia, não sei o que seria da minha vida sem ela.

Quando iniciei o curso de Licenciatura em Geografia, notei a inter-relação entre ambos componentes curriculares - Geografia e Música - que vão desde os sons do cotidiano, tais como, o ambiente barulhento da cidade, o som da água caindo pela cachoeira, a buzina do carro, o toque do celular, o som da minha própria voz, até as manifestações culturais, as inúmeras formas de definir a paisagem, as relações sociais e as expressões de identidade.

Ao pisar pela primeira vez em sala de aula, em período ainda de observações, chamou-me atenção que os alunos sempre estavam utilizando fones de ouvido, ou cantando, ou postando alguma letra de música nas redes sociais, das quais, muitas vezes representavam um momento que estavam vivendo, alguma dificuldade ou o lugar em que viviam, suas culturas e suas opiniões, seguidas por um olhar de felicidade, simplesmente por escutar uma música.

Assim, não tive dúvidas em unir os dois componentes curriculares e fazer da música - que desde criança foi o meu principal meio de aprendizagem - um recurso de ensino para meus alunos. Passei então, a utilizar esse recurso em pequenas atividades de práticas escolares e nos estágios supervisionados, observava o quanto a música mexia com os alunos - em inúmeros sentidos.

Ante o exposto, aproveitando-me do sentimento pessoal em relação a música, construiu-se este trabalho que tem por objetivo, discutir a música como linguagem de aprendizagem em Geografia. Objetiva-se também, compreender a música como recurso didático; estabelecer relações entre os objetos de aprendizagem da Geografia e da construção do conhecimento; analisar o posicionamento e as reflexões realizadas pelos alunos quanto à utilização da música como parte do processo de conhecimento.

Diante do atual cenário educacional e das constantes transformações, sendo elas, tecnológicas, governamentais, acrescido a facilidade de acesso a informações, outras coisas estão sendo mais atrativas, e por consequência ganhando a prioridade na vida dos jovens estudantes do ensino fundamental e médio. Considerando a música uma manifestação cultural, extremamente presente em nosso cotidiano, torna-se visível sua capacidade de incitar o interesse do aluno. Ademais o uso dela, torna conseqüentemente a aula e a relação professor-aluno mais prazerosa, sendo inclusive, um dos meios mais poderosos na educação. Já mencionava Platão “A música é o meio mais poderoso do que qualquer outro porque o ritmo e a harmonia têm sua sede na alma. Ela enriquece esta última, confere-lhe a graça e ilumina aquele que recebe uma verdadeira

educação”. Associado ao presente tema, o estudo da Geografia é de suma importância aos alunos, permitindo-os compreender o mundo.

Estruturalmente, a pesquisa desse trabalho distribui-se em três capítulos. O primeiro nos faz um questionamento: *A música apenas pode ser cantada?* O referido capítulo traz a busca dos professores por novos métodos de ensino frente a um cenário globalizado/tecnológico onde a escola se torna cada vez menos atrativa para o aluno. Aborda também a diferença entre ensinar e simplesmente comunicar/instruir, propondo uma construção de processos de ensino-aprendizagem no que tange ao conhecimento. Dessa forma, esse capítulo apresenta a música como uma linguagem, de comunicação, expressão, aprendizagem, deixando no leitor a dúvida se de fato a música pode ser apenas utilizada para ser cantada.

O segundo capítulo: *Vamos Construir? – A Construção do conhecimento em Geografia por meio da Música*, trata-se de um convite à mudança, de construir o conhecimento, rompendo com a clássica definição etimológica da palavra Geografia. Com reflexões acerca do porquê estudamos Geografia, foi analisada a obra de Callai (2010), com um viés mais contemporâneo do aluno. O referido capítulo busca mostrar a importância de estudar o aluno e saber do que eles gostam e se identificam, trazendo a música como uma linguagem de aprendizagem em Geografia, pois muitos alunos gostam e se identificam com a música. Nessa perspectiva, em um subcapítulo, serão compartilhadas minhas construções pessoais ao longo desse caminho da graduação no ambiente escolar, vivências e práticas docentes em que utilizei da música exemplificando-as por meio da análise da metodologia proposta por Fuini (2013; 2014) acerca do ensino de conceitos geográficos através da música.

Finalmente, no terceiro capítulo: *É preciso ir à fonte*, será abordada a análise dos resultados obtidos por meio da aplicação de questionário com três turmas de terceiro ano do ensino médio, que totalizou setenta e seis alunos. A escolha por estes alunos deu-se por serem concluintes da educação escolar, uma vez que já passaram por várias metodologias, recursos e professores, podendo contribuir com um pouco mais de maturidade sobre o sucesso/fracasso de tais práticas docentes.

2 “NOS CAMINHOS ONDE BATE BEM MAIS FORTE O CORAÇÃO – GONZAGUINHA”: METODOLOGIA

As reflexões aqui trazidas são resultantes do caminho metodológico que será apresentado. De fato, se trata de um caminho, aonde encontramos obstáculos e problemas. Mas, a busca incessante de fazer o melhor, de aprender mais, torna a trajetória mais agradável.

Para iniciar esse caminho, foi adotada uma pesquisa mista, qualitativa com técnicas quantitativas. A pesquisa qualitativa uma vez que se fez a escolha de diferentes pontos de vista, inclusive, Bauer et al (2005, p. 26) afirmam que “formulações mais recentes consideram a pesquisa qualitativa como igualmente importante depois do levantamento, para guiar a análise dos dados levantados, ou para fundamentar a interpretação com observações mais detalhadas (pós-delineamento)” e a pesquisa quantitativa lida com números e usa modelos estatísticos para explicar os dados (2005, p. 22). Já para Minayo (2001, p. 21-22) a “pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Ainda, Silveira; Córdova (2009) afirmam que referido tipo de pesquisa vem alargando-se nas áreas de pesquisa em Educação.

Com o tipo de pesquisa definida, foram pensadas inúmeras técnicas para cumprir os objetivos apresentados anteriormente, vejamos as escolhidas:

- Referencial Teórico: Inicialmente um referencial teórico que abordasse não apenas o ensino de Geografia, mas também, a educação de maneira geral, visando sempre o aluno, pois tenho como ponto de partida, de que se faz necessário conhecer mais do aluno e da educação como um todo, do que a própria ciência que estudamos. O referencial distribuído ao longo deste trabalho foi suporte para o desenvolvimento do mesmo, no que tange a encontrar o diferencial desse recurso/linguagem de aprendizagem.

Outro passo ao longo desse caminho foi escolher a maneira como iam ser coletados os dados, ou seja, foi necessário ir a campo e para Neto (2001, p. 64) o trabalho de campo é “fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem do universo do cotidiano”.

- Questionário: Foi realizada a aplicação de questionário que contou com perguntas com alternativas de respostas limitadas e perguntas abertas, sobre música, ensino e Geografia no qual o aluno poderia ser livre para dar seu posicionamento. Nessa técnica escolhida, buscou-se explorar dados quantitativos quanto às preferências de recursos didáticos para os alunos, bem como, saber com que frequência os alunos escutam música, dentre outras a fim de alcançar os objetivos desse trabalho.

Após, (de surpresa, não planejado inicialmente na metodologia) os momentos vivenciados de conversa sobre o questionário (que durou cerca de 40 minutos com cada turma), possibilitou uma análise qualitativa em que pude levar em consideração, as diversas outras informações argumentadas pelos alunos. A conversa com os alunos após eles responderem individualmente o questionário, permitiu extrapor a exatidão dos dados numéricos e suas respostas curtas, trazendo para a respectiva análise, os sentimentos, percepções, anseios e intenções dos alunos, permitindo uma maior compreensão e conquista dos objetivos aqui traçados.

Por fim, para compor o caminho metodológico, ressaltamos que os dados levantados foram analisados e contextualizados ao longo da pesquisa.

3 A MÚSICA APENAS PODE SER CANTADA?

“Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz” já cantava o saudoso Gonzaguinha, o quanto é belo ser um eterno aprendiz! Sabe-se que o professor apesar de ensinar também aprende e precisa buscar novos aprendizados, a fim de que possa criar possibilidades para que os alunos sejam pessoas melhores, deixando neles marcas significativas, Kaercher (2013, p. 32), crê que “nossa docência quando exercida com gosto pela razão e com emoção pode deixar marcas significativas em nossos alunos”.

Na atualidade brasileira, ser professor é uma das mais difíceis profissões, frente aos inúmeros problemas enfrentados pela categoria profissional, tais como, problemas governamentais, familiares, financeiros, administrativos, afetivos, dentre inúmeros outros que acabam por influenciar de maneira emocional, física e psicológica a vida destes profissionais. Entretanto, podemos destacar uma preocupação de muitos professores: a falta de interesse do aluno em sala de aula.

Frente a uma sociedade, no qual tudo se torna cada vez mais substituível e a informação circula rapidamente pelos veículos de comunicação sendo de fácil acesso aos alunos - praticamente desde seu nascimento, em que as crianças recém-nascidas já se deixam encantar pelas tecnologias, encontramos precocemente alunos que não se interessam em estudar.

Os alunos, em maioria, não participam das aulas e sequer conseguem aprender algo, pois, se interessam mais no que o externo ao ambiente escolar tem a oferecer, tais como, as redes sociais, jogos, relacionamentos amorosos, estarem com os amigos, questões familiares, etc. Além de referidas afirmações, corrobora para o desinteresse do aluno, o fato de muitos ainda estudarem em uma sala de aula de maneira tradicional, aquela aula cujo centro das atenções é o professor, em que de maneira expositiva abre inúmeras gavetas de conteúdos infindos e repassa aos alunos, sem fazer relações alguma, sem partir do aluno.

Podemos aqui, inclusive, mencionar a clássica concepção da educação bancária, que Freire (2017) aborda, em que o professor é narrador do conteúdo, e o aluno passa a ter apenas o lugar de ouvinte dentro da sala de aula. A educação bancária, portanto, aquela que não tem relação de comunicação entre professor e aluno. “Em lugar de comunicar-se, o educador faz

“comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (FREIRE, 2017, p. 80).

Diante dessa realidade, a escola não se torna atrativa ao aluno, a sala de aula é a última preocupação deles, afinal, os alunos acham que depois é só colocar o conteúdo em vídeo-aulas ou fazer uma pesquisa no *Google*, que fica “tudo bem”. Ocorre que pode ficar “tudo bem” para a aprovação escolar, mas como fica a formação desse aluno? Como formar bons cidadãos, pessoas que saibam refletir, criticar e posicionar-se diante do mundo em que vivemos? O professor tem essa constante preocupação, ou ao menos, espera-se que tenha: Como aproximar meu aluno e despertar o interesse dele em sala de aula? Como melhorar o processo de ensino-aprendizagem?

O autor Castrogiovanni (2013), aponta diversos questionamentos que circundam a mente de muitos professores:

Será que as práticas escolares que estamos propondo facilitam o processo de aprendizado? Gostaríamos de ser alunos nesta escola? Estamos oferecendo dúvidas adequadas, que sirvam de provocações na construção do conhecimento e elaboração de competências no mundo contemporâneo? Ou não? Estas provocações são para nós inquietudes que um professor deve ter constantemente em seu planejamento profissional. (p. 36).

Dos questionamentos refletidos anteriormente, complemento o autor com um pensamento diário que deveria ser um questionamento de todo professor: Gostaríamos de ser os nossos próprios alunos? Nós, professores, já ocupamos o outro lado da sala de aula, com toda a certeza nos decepcionamos com muitas aulas – inclusive julgando quem as ministrava. E agora? Será que pensamos em quem está sentado à nossa frente? Preparamos uma aula para quem? Para nós ou para os alunos? É hora de repensar as práticas docentes e lembrarmos que em maioria, o aluno é um sujeito pós-moderno, sendo assim:

São lúdicos, práticos e concretos; adotam metalinguagens; só gostam daquilo que os interessam; preferem imagens e sons; compartilham um espaço e um tempo polissêmicos; são simultâneos e midiáticos; vivem momentos; acreditam que já sabem de tudo; possuem um tempo menor de concentração. Para eles a estética supera a ética, são narcisistas e disputam os excessos. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 37).

Assim é cada vez mais árdua a busca do professor, em planejar aulas diversificadas, com recursos e metodologias novas, ou seja, “cada vez mais a gama que encontramos numa sala de aula aumenta e se complexifica” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 35). É preciso que a prática docente se movimente e oscile “para acompanhar uma realidade escolar que precisa ser

movimentada de diferentes maneiras, para fugir das dinâmicas repetidas e ensaiar novas possíveis oscilações.” (CASTROGIOVANNI; *et al*, 2016, p. 15).

Muitos professores se perguntam: Vale a pena tentar competir com as novas tecnologias? Vale a pena enfrentar tantos problemas - muitas vezes familiares que esses alunos carregam consigo – por uma educação melhor? A resposta é: Sim! O papel do professor não pode ser substituível, embora existam tentativas pelas diferentes esferas governamentais somente nós, professores, temos o poder de fazer o que fazemos com qualidade, somente nós com todo o nosso esforço e dedicação podemos tornar esses alunos, pessoas melhores, cidadãos que possam vir a melhorar a sociedade.

Para tanto, devemos lembrar que ensinar é diferente de informar ou comunicar, por essa razão, o professor é insubstituível, principalmente pelo “notório saber” - de que tanto se fala atualmente-, pois professor é ser mais do que apenas “passar” conteúdo. Se de fato, saber conteúdos fosse o suficiente para uma educação de qualidade, não teríamos tantas crianças, jovens e adultos manipulados facilmente pela mídia, política, etc.

O ensinar é diferente do informar ou do comunicar; o ensinar requer caminhos e artimanhas, acontecimentos e ações que somente o PROFESSOR, que entende o aluno, sabe como fazer. Se não fosse desta forma todos os que “ensinam-informam-instruem” seriam professores. É interessante se pensar no professor como um eterno pesquisador, pesquisador de aluno, de metodologias, de escolas, de sentimentos e de lugares por onde passam alunos. (COSTELLA, 2013, p. 67).

Ainda sobre ensinar, Costella (2013), menciona que ensinar não pode ser sinônimo de doação e sim se trata de uma constante renovação e cobranças por ambos os sujeitos da sala de aula (alunos e professores), dessa forma, ensinar é o ato de preocupar-se com o desenvolvimento de diferentes capacidades para os alunos. Ao pensar nesses recursos, também pensamos se referidas estratégias irão de fato funcionar, uma vez que esse recurso pode vir a ser bem acolhido por um aluno e não por outro. Ainda, o que dá certo em uma turma, pode não dar certo em outra e isso é normal, simplesmente pela razão de que cada aluno é diferente um do outro. Em uma sala de aula, há pessoas muito diferentes, seja na aparência, na personalidade, nas dificuldades e facilidades, logo, mesmo pensando em metodologias novas, o professor se vê preocupado se elas irão funcionar.

O que tem de ficar claro para o professor, é que aprender é um processo a ser construído, para tanto, Andrade; Costella (2016) abordam sobre essa construção afirmando que “quanto mais rica a mediação, mais real é a aprendizagem e a construção de conhecimentos. Os alunos

aprendem melhor quando se empenham com o conteúdo do ensino e com seu próprio processo de aprendizagem” (p. 114). Diante desse pensamento, na contínua busca por novos recursos que auxiliem na construção desse processo é encontrado um poderoso recurso: a música. Isso mesmo! A música que embala nossa vida cotidiana é a mesma que nos provoca o desequilíbrio, levando nossa mente a viajar, servindo como linguagem de aprendizagem.

Não paramos para pensar, o quanto a música se faz presente no nosso dia a dia, sequer conseguimos entender o que realmente é a música. Para alguns, é arte de combinar sons e silêncio; para outros a música é composta por melodia, harmonia e ritmo. Música, em outras visões é uma combinação harmoniosa e expressiva de sons. Duarte (1997), menciona que a música está presente em pequenos sons. A música como arte de combinação de sons para Ferreira (2002), é muito antiga, tanto quanto o ser humano, uma vez que se é arte de combinação de sons, a própria voz, a expressão verbal, pode ser caracterizada como música. Inclusive por ser uma arte tão antiga particular, Ferreira escreve que a música:

Acabou sendo objeto de inúmeros estudos científicos durante a evolução da humanidade, e tais circunstâncias demonstraram em que medida ela era uma disciplina em que envolvia, em seu espectro interno de relações próprias, referenciais de outras disciplinas. Assim, a música ajudou diversos estudiosos a provarem aquilo que afirmavam dentro da área em que atuavam (2002, p. 25).

Castro (2009) ao estudar as contribuições da autora Lilly Kong referente à relação entre Música e Geografia, afirma que a autora Kong atenta que os sons caracterizam diferentes espaços. Aqui podemos mencionar diversos exemplos como o barulho de um vento forte nos remetendo a uma lembrança praieira, o som de um engarrafamento, fazendo-nos situar-nos em um centro de cidade. A música para Corrêa; Rosendahl (2009) é uma das linguagens que podem expressar visões de mundo e diversos sentimentos. Ao analisarmos Oliveira (2015) *apud* Perris (1985) podemos confirmar o acima relatado anteriormente:

Somos incansavelmente atingidos pela música, embora frequentemente não nos demos conta de sua presença. A música nos alcança a partir do aparelho estéreo de nossa casa e em nossos carros, é tocada nos bancos, edifícios comerciais e supermercados, e acompanha a ação de filmes e programas de televisão, jogando sutilmente com nossas emoções e desejos, usamos a música para trabalhar, para caminhar, para acalmar o bebê, para exercício aeróbico, para cerimônias e para religião. (OLIVEIRA, 2015 p. 32 *apud* PERRIS 1985, p. 3-4)

A fim de complementar o pensamento do autor, podemos inserir no contexto, o aluno atual, questionando-nos: De que forma o aluno é atingido pela música? Além das formas descritas anteriormente, em uma análise contemporânea, o aluno também é atingido pelas

músicas de filmes e séries, pela trilha sonora de jogos, pelos diferentes canais no *YouTube* (sejam eles específicos de covers, de artistas, Vlogs/Blogs, etc.), aplicativos de música, redes sociais que utilizam da música para propagandas de produtos, dentre outras. Dessa forma, podemos concluir que o jovem – principalmente - é alcançado mais facilmente pela música:

Qualquer que seja nosso comportamento diante da música, de alguma maneira nos apropriamos dela e criamos algum tipo de representação sobre a mesma. Sabemos da alegria que os jovens encontram em comunicar-se com outros jovens e pessoas, graças as suas músicas, executadas ou simplesmente ouvidas, pois vivem, acolhem e levam em conta à diversidade cultural, o que lhes parece com frequência ser o valor essencial na escuta e nas atividades musicais. Com isto, conseguem dividir e se respeitar, pois cada um pode ter a sua parte de colaboração na música, como executor ou audiência, fazendo parte de um movimento cultural e criando uma identidade para o grupo. (DUARTE, 2011, p. 12)

A música é uma das coisas mais presentes na sociedade, é raro encontrar alguém que não goste ao menos de algum gênero musical ou som de algum instrumento, principalmente nos dias atuais devido às inúmeras ofertas musicais. Desta maneira, podemos falar que a música é uma linguagem universal e se aliada à educação tem grandes chances de atrair a atenção dos alunos em sala de aula, uma vez que são eles, uns dos mais atraídos pela música, passando horas e horas com seus fones de ouvidos e atentos a qualquer novidade musical.

Atualmente, são muitas as pesquisas que comprovam que a música é eficiente em auxiliar com atividades na sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem, desde a educação infantil até o ensino superior. A música associada no ensino de qualquer componente curricular sempre foi muito apreciada, no entanto, existe o esquecimento desta prática de ensino. A principal vantagem de usar a música, segundo Ferreira (2002) é que:

Ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a **abertura**, poderíamos dizer assim de um segundo caminho comunicativo que não verbal-mais comumente utilizado. Com a música, é possível ainda **despertar** e **desenvolver** nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo (p. 13, grifos meus).

Partindo da reflexão do autor supramencionado, grifei três palavras: abertura, despertar e desenvolver. Vejamos: A abertura refere-se a uma nova visão de mundo, um olhar do qual poderíamos dizer que está buscando encontrar novos meios de entender a realidade. Já no tocante ao despertar, essa seria para as novas linguagens, para aguçar a nossa audição e através dela compreender aquilo que não está sendo cantado, nem escrito. Por fim, menciono a palavra desenvolver e remeto aqui a importância de um desenvolvimento por habilidades e competências.

Vejamos o conceito de competência, proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (2018, p.8).

Mas, ainda existem profissionais/pais/responsáveis/alunos que perguntam: E o conteúdo? Então, vale ressaltar que o conteúdo está relacionado com a proposta do ensino por habilidades e competências, o que de fato muda é como explorar esse conteúdo,

O conteúdo é um caminho que, por meio dele, percolam intenções de reflexão, aplicabilidade e ação sobre o que se reflete. A ideia de a competência ser um patamar de complexidade maior que a habilidade está pautada no fato de que o aluno habilidoso é aquele que compreende as relações mais rasas do conhecimento, um aluno que percebe o que está posto num sentido mais compartimentado e por meio de ensaios. O aluno competente é aquele que se utiliza de suas habilidades de forma articulada para vivenciar um momento de maior complexidade. (ANDRADE; COSTELLA, 2016, p. 106).

Para a construção de competências, o aluno, necessita saber como ele próprio pode aprender. A música por fazer parte do seu cotidiano e da sua linguagem pode desenvolver processos de aprendizagem. A música pode despertar no aluno a capacidade de pensar, escutar, observar e construir vários elementos dentro do componente curricular a ser estudado, gerando posicionamentos, habilidades e competências que resultem em ações dentro e fora do ambiente escolar.

É importante frisar a importância de um planejamento por habilidades e competências, uma vez que através delas podemos estimular com que o aluno faça algo inédito, permitindo a ação dele além da escola, para Andrade; Costella (2016), nós, professores, devemos:

Repensar a prática docente, em que os conteúdos necessitam ter caráter pluralista, diverso, flexível, processual, ou seja, interdisciplinar e contextualizado, em que o educando possa viver situações problemas que possam gerar conflitos, dinamismos, ações mentais, aplicação, análise, síntese e avaliação (p. 111).

A música deve ser desfrutada nas aulas, por ser capaz de facilitar e superar as barreiras encontradas do decorrer do processo de ensino-aprendizagem, inclusive, Oliveira et al (2005), ressaltam que o uso da música cria situações em que o aluno se sinta atraído pelas propostas do professor e possa se sentir seguro para propor situações de aprendizagem sobre determinados conteúdos.

Cabe frisar, que a música deve servir como auxílio/suporte, ou seja, um apoio didático para algumas atividades, devendo o professor, ensinar o seu respectivo componente curricular

(Geografia, História, Literatura, etc.), com o recurso musical e não ao contrário. Utilizar a música apenas por utilizar, não é eficaz, isto é, faz-se necessário contextualizar, desfrutar da melodia, ritmo, letra, harmonia para construir o conhecimento.

Ressalta-se que o professor pode aderir ao recurso, sem necessariamente ser um músico, assim como o aluno também não demanda ter conhecimentos técnicos musicais, tais como, afinação, timbre, notas, e outros fatores musicais. Mesmo sem qualquer conhecimento técnico, possuímos a capacidade de dialogar com a música, Duarte (2011) afirma a importância da alegria que os jovens têm em se comunicar por meio de músicas, até mesmo colocando-a como parte de movimentos culturais e sendo criador de identidades grupais.

Trago um exemplo sobre a alegria dos alunos com a música, em uma das minhas práticas no estágio supervisionado no ensino fundamental, com uma turma de oitavo ano de uma escola pública. Ouvia-os comentando muito sobre música, enquanto eles esperavam para entrar em sala de aula, até que um dia perguntei um a um, que tipo de músicas eles gostavam e tive respostas bem variadas. Então, quando estávamos estudando sobre a América Anglo-Saxônica, compus uma paródia sobre o que havíamos discutido. Ao chegar à sala de aula, o simples fato de eles terem visto meu violão no cantinho da sala, já foi motivo de alegria, burburinhos do tipo: “Hoje vai ter música?”; “Será que a ‘sora’ vai deixar a gente cantar também?”.

A aula foi muito prazerosa, tanto para mim, como para eles. Os alunos se empenhavam em escutar atentamente a letra e depois muito alegres, cantaram e faziam comentários do tipo: “Bah, aham! Bem o que a ‘sora’ explicou na aula”. Os momentos vivenciados naquele período foram incríveis, inclusive quando tocou o sinal, os alunos não queriam que eu fosse embora, porque tinham gostado muito da aula, realmente estavam aprendendo Geografia e não apenas decorando.

A música como recurso no ensino-aprendizagem, permite problematizar o cotidiano dos alunos, fazendo-os compreender de forma mais lúdica, interessante e interativa, aquilo que está nos conteúdos programáticos, temas atuais da sociedade, do seu próprio cotidiano – em uma escala local.

A forma como a música será utilizada, pode dar-se pelas mais variadas maneiras, inclusive com composições próprias dos alunos ou paródias, Castrogiovanni (2007, p. 46) sustenta que “ao utilizarmos a música como recurso podemos propor as discussões que julgamos necessárias, numa forma atualizada e num contexto dinâmico, em aulas que se diferenciem pelo

seu caráter prático, eficiente, produtivo e que sejam, acima de tudo, agradáveis”. Além de a música colaborar em uma melhor relação professor-aluno, ela incentiva a percepção, a memória e a inteligência, através da capacidade de sensibilidade do aluno.

Retornando ao título desse capítulo “A música apenas pode ser cantada? ” Podemos responder negativamente, isto é, a música não serve apenas para ser cantada, ouvida ou apreciada. A música na sala de aula tem o poder de descentralizar o aluno, causar desequilíbrio em seus pensamentos e desafiá-los a interpretar e refletir o mundo em que vive a partir de uma nova linguagem, uma nova leitura.

Dessarte, a música traz elementos ensejadores de uma nova forma de ensino, pois nela encontram-se maneiras diferentes de abordar os mesmos assuntos que são abordados através de vídeo, texto ou até alguma imagem. Porém, como já abordado o aluno é musical e essa é uma das maiores vantagens de utilizar-se da música como recurso didático, transformando em linguagem de aprendizagem, inclusive nas aulas de Geografia, pois pode ser explorada de fartos modos, desde a exploração de conteúdo trazido em suas letras e melodias até como metodologia no processo de construção do conhecimento como será abordado no capítulo seguinte.

4 VAMOS CONSTRUIR? - A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA POR MEIO DA MÚSICA

Em uma pesquisa realizada pela autora ao longo deste trabalho, foi consultado os principais sites de consulta dos alunos, por meio do buscador Google, questionando: O que é Geografia?

É possível encontrar inúmeras respostas, embora que todas sejam semelhantes, vejamos:

Quadro 1 – Resultado da Pesquisa: O que é Geografia?

Resultados Encontrados: O que é Geografia?	Fonte
Ciência que trata da descrição da Terra e do estudo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos que nela ocorrem, suas causas e relações.	Dicionário Google
Obra que trata dessa ciência.	Dicionário Google
Conjunto das características geográficas de uma área.	Dicionário Google
Conjunto de temas da Geografia, sob a luz de um enfoque particular.	Dicionário Google
A Geografia é a ciência responsável por compreender o espaço e a relação que ele possui com o ser humano.	Me. Rodolfo Alves Pena (Brasil Escola)
A Geografia é uma ciência que tem por objetivo o estudo da superfície terrestre e a distribuição espacial de fenômenos significativos na paisagem.	Wikipédia
Geografia é uma ciência que estuda o espaço humano em suas várias vertentes: física, biológica e humana.	Significados
Geografia é uma ciência que estuda as características da superfície do planeta Terra, os fenômenos climáticos e a ação do ser humano no meio ambiente e vice-versa.	Sua Pesquisa
A Geografia é muito complexa e bastante abrangente, uma vez que está envolvida em inúmeros assuntos humanos e naturais.	Mundo Educação
Geografia é o estudo científico da superfície da Terra, com o objetivo de descrever e analisar a variação espacial de fenômenos físicos, biológicos e humanos que acontecem na superfície do globo terrestre.	Só Geografia

Fonte: Google.

Org. Autora

Compreende-se do quadro anterior que para muitos o entendimento da Geografia restringe-se à etimologia da palavra, ou seja, do grego, a Geografia como descrição da Terra. Ocorre que a Geografia não trata apenas de descrever, principalmente quando abordamos a Geografia como componente curricular no ambiente escolar. A Geografia, tanto como ciência, tanto na sala de aula, em hipótese alguma pode resumir-se à sua etimologia.

A Geografia na sala de aula tem ou deveria ter o papel de fazer o aluno aprender a pensar e a entender o mundo em que se vive, melhor dizendo, só observando e descrevendo não há o

entendimento esperado. Como diria Kaercher (2010), a Geografia é feita no dia a dia. Por conseguinte, se a Geografia é feita do cotidiano, existem inúmeros elementos para serem abordados em sala de aula. Esse cotidiano necessita de um olhar ambicioso por buscar aquilo que está escondido nas entrelinhas, principalmente as dos meios de comunicação como as redes sociais, dominada pela maioria dos jovens. Então a Geografia, para Kaercher (2010) tem um papel fundamental nessa leitura mais crítica, pois tem no cotidiano, ou seja, nos assuntos do mundo (em suas diversas escalas) a sua matéria-prima, permitindo que o aluno sintá-se participante,

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e são inseridos num processo de desenvolvimento. [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora. (CALLAI, 2010, p. 58).

Torna-se imprescindível tomarmos outra posição quando formos nos referir a Geografia, uma vez que não se trata apenas de descrição, e sim de construção. “A geografia é a ciência que promove a construção e a interpretação dos nós que compõem uma rede de diferentes eventos espaciais. Construir o conhecimento geográfico é diferente de estudar geografia de forma enciclopédica”. (COSTELLA 2013, p. 65).

Constata-se que muitos alunos não pensam na Geografia como fundamental na sua caminhada escolar, na sua vida, seja pelo próprio interesse ou por aulas que devido a correria, e inúmeros problemas do cenário educacional, faltam recursos para que os professores possam construir melhor as aulas de Geografia juntamente com os alunos. As aulas que são resumidas em mapas e memorização de conceitos que os alunos sequer sabem da utilidade, fazem os alunos perguntarem de forma debochada/e/ou inocente “Por que estudar Geografia? ”, “Para que eu vou usar isso na minha vida? ”. Diante desses questionamentos tão presentes em diversas escolas, analisemos a obra de Callai (2010).

A autora menciona, primeiramente, que devemos estudar Geografia “para conhecer o mundo e obter informações, que há muito tempo é o motivo principal para estudar Geografia”. (CALLAI, 2010, p. 57). Ousemos nos questionarmos: Que mundo é esse? Conforme veremos a seguir esse mundo pode ser compreendido em diferentes escalas, inclusive na escala do aluno. Deveríamos responder aos nossos alunos que estudar Geografia serve também para compreendermos o nosso próprio espaço, nosso próprio mundo.

Na sequência, a autora diz que “podemos acrescentar que a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem” (CALLAI, 2010, p. 57). Interpreta-se da afirmação que devemos estudar Geografia para compreender o espaço que o próprio ser humano constrói e modifica. Assim, o aluno deve entender que ele não é um sujeito a par que não se envolve com nada e sim que é construtor, modificador do ambiente em que vive. Estudar Geografia, para o aluno, deveria ser a capacidade de compreender que as suas pequenas atitudes interferem no todo em diferentes escalas e maneiras.

Na Base Nacional Comum Curricular (2018), estudar Geografia “é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta” (p. 357). Esse mundo do qual vivemos, possui inúmeras interpretações, que podem ser desde o espaço vivido até o espaço do outro (CAGLIARI, 2017), em que no ambiente escolar, principalmente em comunidades carentes, é difícil até mesmo de entender o próprio espaço individual dos alunos.

Por fim, Callai (2010, p. 57), aborda que “não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja a formação do cidadão”. Friso novamente que conteúdo por conteúdo, seria possível responder aos alunos da seguinte maneira: “Não usarás esse conteúdo para nada em sua vida”. O conteúdo deve ser apenas uma parte desse processo de ensinar e aprender, uma parte que deve ser explorada de diferentes maneiras para então fazer sentido aos alunos e poder ser utilizado por eles em suas vidas.

A Geografia, assim como qualquer outra disciplina, deve ser construída com o aluno, pois, só assim será de fato aprendida, de resto, serão apenas conceitos memorizados e esquecidos alguns dias depois de realizadas as avaliações escolares. Assim: “instrumentalizar o aluno fornecer-lhe as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas à geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos assuntos que trata”. (CALLAI, 2010, p. 57). Podemos ainda, complementar que a Geografia enquanto componente curricular,

[...] trabalha com o que é real e atua no dia a dia do sujeito e também com as possibilidades de abstração e generalização desses espaços concretos. Ao mesmo tempo em que discute os significantes que fazem sentido para o sujeito, a Geografia também oportuniza a análise dos demais locais e contextos de vida por meio de instrumentais que permitem e exigem a desvinculação do que é concreto, em um percurso à conceituação (ANDREIS, 2012, p. 36).

Construir, construir e construir. Mas construir, de fato, o quê? O Conhecimento em Geografia. Construir o conhecimento é diferente de entregar tudo pronto ao aluno ou até pedir para que o aluno decore conceitos. O conhecimento numa análise elaborada por Kaercher (2010) baseada em Leite (1993) necessita considerar:

- a) Uma construção do sujeito frente ao mundo, ou seja, **não basta que o professor “doe”, “deposite” o conhecimento** – por mais crítico que ele possa parecer – no aluno.
- b) Uma fração transformadora do sujeito sobre a realidade. Não basta “conhecer mais”, “saber mais”, é preciso que esse conhecimento seja um praxis, isto é, **uma combinação de ação-reflexão no cotidiano da pessoa**. Transformar a realidade implica assumir o caráter intrinsecamente político da educação com a consequente tomada de decisões; c) Um pensar relacional e multidisciplinar. Conhecimentos são relações, e estas devem ser cada vez menos apegadas e rígidas fronteiras acadêmicas. O contato entre os profissionais, seja de uma mesma disciplina ou não, deve ser cada vez mais incentivado. (KAERCHER, 2010, p. 186, grifos meus).

O conhecimento, só será realmente conhecimento quando provocar reflexão e ação nas pessoas, no caso, nos nossos alunos. No que tange a essa construção, referencio nesse momento, o autor Rubem Alves (2011, p. 30): “Suspeito que nossas escolas ensinem com muita precisão a ciência de comprar as passagens e arrumar as malas. Mas tenho sérias dúvidas de que elas ensinem os alunos a arte de ver enquanto viajam”. Penso que essa seria uma das melhores definições sobre o que é construir o conhecimento.

De maneira análoga, quando falamos em: “comprar as passagens e arrumar as malas” referimo-nos ao fato de “despejar, depositar, entregar” as coisas prontas (conteúdos) aos alunos ou, em alguns casos, sequer entregar algo aos alunos. Comprar as passagens e arrumar as malas equivale-se às aulas tradicionais, monótonas, sem desequilibrar o aluno para que ele possa refletir e agir na realidade. Já “ensinar os alunos a arte de ver enquanto viajam” deveria ser o principal no processo de ensino-aprendizagem, pois, somente compreendendo verdadeiramente o que está diante dos nossos olhos, do nosso cotidiano é que o aluno vai entender o conteúdo e sua aplicabilidade.

Um aluno que sabe compreender a realidade em que vive, que consegue perceber que o espaço é construído, e que nesse processo de produção do espaço local e do espaço regional consegue perceber que todos os homens, que a sociedade é responsável por este espaço, conseguirá estudar questões e espaços mais distantes e compreender, indo além do aprender porque o professor quer. Ao construir o seu conhecimento estará aproveitado os conteúdos de geografia para a sua formação, para ser um cidadão no sentido pleno da palavra. (CALLAI, 2010, p. 62).

Notemos que o processo de ensino-aprendizagem é uma via de duas mãos, uma do aluno e a outra do professor. O professor de Geografia é constantemente desafiado pela realidade, pois

esta fornece aos alunos um mundo cheio de atrações e muitas notícias das quais somente serão interpretadas e desconstruídas/construídas pelos alunos, se esses forem ensinados a terem essa visão crítica da realidade e não forem meros depósitos do saber profissional.

Precisamos de uma Geografia que permita o aluno olhar para além da sala de aula, olhar além dos muros e grades da escola, ensinando-os a alçar voos, ensinando-os a “abrir janelas”, “fazendo os alunos perceberem motivos humanos no estudo das informações, perceberem que compreender o todo é mais importante do que saber tudo”. (AZAMBUJA, 1998, p. 23).

Partindo desse pressuposto de abrir janelas nas aulas de Geografia, precisamos acima de tudo pensar nos nossos alunos, afinal é para eles que preparamos as nossas aulas. É necessário pensar no que eles gostam. Refletindo sobre o que os alunos gostam, bem como, sobre a atualidade, percebe-se que aluno gosta de música, e assim podemos explorá-la, como uma linguagem de aprendizagem na construção do conhecimento em Geografia.

A partir da análise de uma música, seja pelos sons que fazem parte dela, ou pelos significados presentes na letra que faz parte da música, podemos conduzir nossos alunos a uma reflexão sobre os diferentes espaços em que estamos presentes, que podem ser o seu bairro, o seu estado, o seu país, e, até mesmo, o mundo. Pode-se iniciar pela música, seguir pelos espaços e pelas sociedades, e refletir sobre a vida. (OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 89).

O estudo de uma nova cultura, povos, lugares, política, sociedade, economia, e diversos outros temas, podem ser vistos de uma maneira diferente por meio da música. Lembremos aqui que a música além de servir como linguagem de aprendizagem, ela é fruto de sentimento, pensamento, história e está presente constantemente em nosso dia-a-dia, o que faz dela uma forma atrativa de aprender e prazerosa de ensinar Geografia. Entretanto, é necessário ressaltar o cuidado em trabalhar com a música nas aulas para que não seja apenas um simples exercício.

Para que ela seja devidamente uma linguagem de ensino-aprendizagem, um recurso do qual podemos tirar muitas vantagens, é preciso ter consciência que ela precisa ser contextualizada, que precisa existir um trabalho minucioso com ela em sala de aula, do contrário, a música servirá apenas como desperdício de tempo. Para Oliveira; Holgado (2016) é necessário que haja discussões, que os alunos possam analisar o contexto, fazer relações com as questões espaciais, e não menos importante, é preciso frisar aos alunos que trabalhar com músicas nas aulas, não é apenas mais um exercício, ou desperdício de tempo e sim é também aula de Geografia.

A música então tem o poder de trazer imagens de um determinado lugar, podendo servir como matéria prima para entender o caráter e a identidade dos lugares (KONG, 2009). Ante tal afirmação, Kong (2009) complementa que a música pode servir como meio, veículo, através do qual as pessoas transmitem suas experiências ambientais, seja do cotidiano ou de um fato extraordinário sendo útil para enriquecer discussões que envolvam noções como espaço geográfico e lugar.

Nas músicas, analisando suas letras, sons, melodias, harmonia, ritmos, instrumentos, compositores, etc., podemos compreender o espaço do qual é estudado, espaço esse construído também pelo aluno que está estudando sobre ele, Kong (2009) ressalta que a música serve como elemento de contextualização para análise de fatos e eventos socioespaciais.

Trago ao presente trabalho, uma estrofe de uma música (samba) de autoria do meu tio, pois, por meio desta estrofe pode-se perceber que a construção da música responde às experiências do compositor:

Todo poeta tem um pouco de tristeza,
em cada verso ele conta um pedaço da sua vida,
numa melodia triste de um samba canção,
mostra tudo que sente o seu coração (DIDI LIMA)

O compositor mencionado exemplifica como são os versos poéticos ao seu olhar. Em uma analogia à estrofe, podemos dizer que assim são as letras musicais e por meio dessas letras, melodias, ritmos e sons podemos conhecer diferentes lugares do mundo sem nos deslocarmos, bem como, as pessoas que nesses lugares vivem, inclusive, Kong menciona que “os músicos compõem canções como uma consequência de suas experiências”. (2009, p. 133).

Ainda, exemplificando o narrado por Kong, acerca do estudo do espaço, cito um trecho da música “Sr. Presidente” interpretada pelo cantor de *rap* Projota (autoria: Projota e Tom Leite), que traz consigo uma diversidade de possibilidades para trabalhar com os alunos dentro da sala de aula, referente a realidade do nosso país:

A gente paga pra nascer, paga pra morar
Paga pra perder, a gente paga pra ganhar
Paga pra viver, paga pra sonhar
A gente paga pra morrer e o filho paga pra enterrar
Vontade a gente tem, mas não tem onde trabalhar
Justiça a gente tem, mas só pra quem pode pagar
Coragem a gente tem, mas não tem forças pra lutar
Então a gente sai de casa sem saber se vai voltar

E aí vem vocês pegar o que é nosso direito
 Crime não é mais crime quando é um crime bem feito
 Viver dessa maneira é algo que eu não aceito
 Enquanto isso o povo chora sem ter onde morar
 Mas existe uma chama acesa dentro do peito
 Porque já não dá mais pra se viver desse jeito
 Quando o povo explodir, vai ser só causa e efeito
 Efeito que abastece meu pulmão e me dá forças pra cantar

Sr. Presidente, esse país tá doente
 Nosso povo já não aguenta mais
 Sr. Presidente, como você se sente
 Ao ver a fila dos nossos hospitais?
 Sr. Presidente, até queria que a gente
 Se entendesse, mas não sei como faz
 Porque essa noite se foi mais um menino ali na rua de trás

Esse é o meu país tão lindo que não tem furacão
 De um povo que ainda segue órfão do seu pai da nação
 De uma pátria mãe solteira da sua população
 Onde o salário vale menos do que o preço do pão
 Dorme um menino de rua descansando seus pés
 Viajando pra lua num papelote de 10
 Ó, pátria amada e mal amada por filhos infieis
 Digas quem te comandas, que eu te digo quem és [...]

Ante o exposto, em uma breve análise no que tange à letra da música, podemos trabalhar com os alunos, diversos temas da realidade brasileira, a economia, saúde, violência, inclusive, em diferentes escalas. Ao explorar o timbre de indignação do cantor, acrescido da levada rítmica forte da música, podem ser explorados outros fatores sociais, cansaço, estresse, ansiedade de uma sociedade que vive sob uma constante insegurança, inclusive, jurídica. Para Castrogiovanni (2006, p. 47) “Ao utilizarmos a música como recurso podemos propor as discussões que julgamos necessárias, numa forma atualizada e num contexto dinâmico, em aulas que diferenciem pelo seu caráter prático, eficiente, produtivo e que sejam, acima de tudo agradáveis”.

É necessário inovar, trazer o jovem para o centro da aula, instigar os mesmos a participarem. O ensino de Geografia acaba muitas vezes sendo intitulado por alunos como algo chato e “mecânico”, uma vez que os professores são muito resistentes, mantendo um método tradicional de ensino.

Por isso, deve-se investir em novas metodologias de ensino, novos recursos, para a aula funcionar de maneira dinâmica, lembrando que uma turma nunca é igual à outra. Dentro de uma sala de aula, existe uma turma com muitas pessoas diferentes, que não têm o mesmo ritmo de pensamento e de trabalho, assim, o professor deve utilizar novos recursos e metodologias, e não se estagnar frente a uma maneira de lecionar.

4.1 CONSTRUÇÕES AO LONGO DO CAMINHO

Nesse sub-capítulo, que ainda tem por objetivo estabelecer relações entre os objetos de aprendizagem da Geografia e da construção do conhecimento, analiso nesse momento a metodologia proposta por Fuini (2013;2014) acerca do ensino de conceitos geográficos através da música considerando o processo de construção do conhecimento e do raciocínio espacial, dos quais relata baseado em Cavalcanti (1998), “que a música pode ser utilizada em perspectiva sócio-histórico-cultural e construtiva” (FUINI, 2014, p. 235), elencando dessa maneira oito níveis de ensino-aprendizagem utilizando-se da música. Vejamos o quadro:

Quadro 2 – Oito níveis de ensino-aprendizagem para conceitos geográficos utilizando a música

OITO NÍVEIS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA CONCEITOS GEOGRÁFICOS UTILIZANDO A MÚSICA	
NÍVEL	COMENTÁRIO DO AUTOR (FUINI)
1º Propicia atividade mental e física dos alunos, estimulando a interação do aluno.	Com o saber escolar através de seus instrumentais cognitivos (observar, localizar, compreender, descrever, representar). Trata-se de tarefa inicial de audição e análise da música e apropriação de significados que as letras permitem apreender, sugerindo debate sobre essas visões.
2º Considera a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento.	Captando o significado que os alunos dão aos conceitos científicos Nesse estágio, o procedimento de buscar identificar e explicar os processos sócio espaciais descritos nas músicas faz o aluno expor seus conhecimentos prévios e tecer relações com o mundo vivido e conhecido.
3º Estabelece situações de interação e cooperação entre os alunos.	Contribuindo para o processo de socialização e desenvolvimento de habilidades por meio do diálogo entre conhecimentos e visões diferentes sobre o mesmo assunto. Neste

	estágio, é oportuno oferecer alguns questionamentos sobre a letra da música e a percepção de conceito que ela traz, estimulando a interação entre os alunos que podem trabalhar organizados em grupos.
4º Conta com a intervenção do professor no processo de aprendizagem dos alunos.	Colocando problemas e informações para a reconstrução de conteúdos. Com base no encaminhamento do diálogo, o professor pode desafiar os alunos propondo atividades reflexivas a partir de trechos da letra musical, propiciando a construção de sentidos ao texto e seu contexto socioeconômico e espacial.
5º Apresenta informações, conceitos e análise de dados.	Decodificando significações e avaliando criticamente as informações. O professor acrescenta à análise da música determinadas informações sobre lugares, regiões e território, sendo elas em gráficos, mapas, fotografias, etc., solicitando aos alunos que extraíam algumas conclusões sobre os mesmos e produzam seu próprio conhecimento.
6º Propicia situações de diálogo entre alunos e destes com o professor.	Nessa etapa, o professor estimula a construção de conclusões parciais pelos grupos de alunos e ressaltando-se a importância da interação social para a apropriação em conhecimento sobre as matérias de ensino. Busca sistematizá-la em um quadro geral, compartilhando conhecimentos e informações entre grupos;
7º Promove a auto e sociorreflexão dos alunos.	Estimulando o aluno a aprender e direcionar os próprios processos mentais, com a ajuda de palavras ou signos, passos essenciais do processo de formação de conceitos. Nesse momento pode ser feita uma discussão coletiva em sala de aula, oportunidade para a síntese do resultado das atividades e direcionamento do processo de construção de conhecimentos.
8º Oferece alternativas ao acompanhamento e controle dos resultados.	Considerando a natureza do objeto de conhecimento e o tipo de aprendizagem requerida, compreendendo a dinâmica de cada um, suas dificuldades e potencializando as possibilidades de ensino. Ao final do processo de aprendizagem, o professor, como agente ativo, pode fazer o uso de uma

	avaliação de tipo contínua, observando a participação de cada um dos alunos nas atividades propostas durante todo o período analisado; e uma avaliação de tipo formativa e sistemática, sugerindo a construção de um texto individual ou coletivo que seja alvo de uma conceituação.
--	--

Fonte: FUINI (2013; 2014)

Org.: A Autora

Em relação ao quadro anterior, trago nesse momento experiências, construções que eu e meus alunos tivemos ao longo deste caminho, construções essas, realizadas nos estágios no ensino fundamental e médio, ambos realizados em escolas diferentes, mas estaduais e públicas, bem como, outros momentos que tive a oportunidade de estar em sala de aula, como professora.

Quanto ao primeiro nível apresentado, ou seja, *“Propicia atividade mental e física dos alunos, estimulando a interação do aluno”*, retomo de maneira mais detalhada, a experiência que tive ao lecionar para uma turma do oitavo ano do ensino fundamental. A turma em que eu era estagiária, de uma maneira genérica, possuía alunos muito tímidos e que participavam pouco da aula, talvez, pelo método de ensino que estavam acostumados (aulas tradicionais com cópia do livro didático).

No meu primeiro dia de aula com eles, no qual iniciamos os estudos sobre a América Anglo-Saxônica, por mais que eu os incentivassem a participarem da aula, poucos alunos de fato faziam algo que não fosse apenas me olhar atentos. Saí da sala de aula decepcionada, eu que sempre queria que meus alunos conversassem comigo, que pudessem participar e construir, fiquei dois períodos falando praticamente sozinha, pois, não importasse o que eu fizesse, eles não participavam da maneira como eu pretendia.

Retomei então as anotações dos períodos de observações e dos mesmos alunos tímidos com seus fones de ouvido antes de entrar na sala de aula. Assim, decidi que na outra semana teríamos uma aula diferente, e para isso lembrei-me da frase que se encontra na epígrafe deste trabalho: *“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas – O pequeno príncipe (Antoine de Saint Exupéry)”*, logo, senti a necessidade de cativar aqueles alunos, de conhecer mais sobre eles.

Para a aula seguinte fiz uma paródia e ao chegar à sala de aula com meu violão alguns alunos já começaram a cochichar perguntando se teríamos música naquela aula. Trabalhamos naquele período de forma introdutória sobre o relevo da América Anglo-Saxônica, fazendo

relações com a política local, economia, sociedade e outros elementos físicos, tais como, clima, vegetação, entre outros.

Em um momento da aula, peguei meu violão, distribuí as letras aos alunos e fomos analisando estrofe por estrofe, questionando os versos com o que havíamos discutido até então. Ao final, cantamos a música todos juntos, no início, alguns muito tímidos, mas depois até dançando estavam. A música ficou marcada nos alunos, inclusive, em exercícios realizados posteriormente, utilizamos a letra da música como complemento e fazendo inter-relação com outros assuntos.

Com essa atividade, pude na prática observar e vivenciar que o primeiro nível da metodologia proposta pelo autor, realmente acontece.

Quadro 3 – Paródia Relevo América Anglo-Saxônica.

Relevo América Anglo Saxônica	Aluno chega pra cá,
Autoria da Paródia: Bruna Rafaela	Que nós vamos estudar
Música original: Cê Acredita – Mc. Kevinho part. João Neto e Frederico	Na Planície do São Lourenço, É a área mais povoada do Canadá
E foi no choque das placas tectônicas	Aluno chega pra cá,
As montanhas rochosas se formaram	Que nós vamos estudar
É uma área conservada pelo governo	E nos Montes Apalaches
E no frio com a neve, de turista é lotado	Os minérios estão a explorar
Minérios!	Cê acredita? Os planaltos são as formas mais antigas
Tem o cobre, o ouro, o chumbo e a prata,	Arredondados com altitudes modestas
Tem também o carvão, o gás e o petróleo	Tem o Canadense e o Colorado
Agricultura, Silvicultura	Minérios e Turismo bem explorados
Cê Acredita?	
Cê Acredita? Não vai pensando que é molezinha	Aluno chega pra cá
Tem que relacionar com a economia	Que nós vamos conversar
População? Produzindo geral	O relevo da América Anglo-Saxônica
Milho e Trigo na Planície Central	Nós começamos a estudar (2x)

Fonte: Autora.

Org.: Autora

Quanto ao segundo nível, “*Considera a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento*”, menciono neste momento, a experiência de uma atividade realizada para a disciplina Metodologia de Pesquisa em Geografia, cursada no ano de dois mil e dezesseis, momento em que esse trabalho de conclusão de curso começou a ser pensado.

Na disciplina foi nos proposto uma atividade da qual teríamos que colocar alguma metodologia estudada durante o semestre, em prática. Escolhi dessa forma a metodologia “Narrativa” e em uma turma de segundo ano do ensino médio desenvolvi o tema “Narrativas do Cotidiano”, para que os alunos fossem os protagonistas da aula.

Em dois períodos, conversamos sobre muitas coisas do dia a dia, sobre o que eles costumavam fazer, o que havia no em torno de suas casas, o que eles gostavam e o que não gostavam de fazer e como eles conseguiam ver Geografia nessa rotina, por muitas vezes corrida. Após muito diálogo e relações que inclusive os próprios alunos faziam, a turma foi dividida em dois grandes grupos, no qual teriam que compor uma paródia ou uma música sobre o cotidiano deles.

Os grupos entre si discutiam e achavam semelhanças e disparidades em suas vidas, debateram sobre coisas importantes que faziam, também sobre atividades que não eram tão relevantes e o tempo que dispensavam com elas (como passar horas mexendo no celular, segundo uma aluna). Os alunos participavam muito, embora houvesse uns dois alunos que não largavam o celular de jeito nenhum, até que aos pouquinhos, vendo o entusiasmo dos colegas, foram deixando-se envolver pela atividade.

Cabe salientar, que naquele trimestre os alunos estavam desenvolvendo um trabalho escolar na disciplina de Geografia, que era a criação de um país, em que os grupos tinham que criar toda uma estrutura para o seu país. O professor sorteava os recursos e os problemas que cada país (grupo) teria e assim os alunos tinham que administrar o país, construindo constituição, leis, regendo a economia, saúde, etc.

A cada aula, era uma nova problemática e os alunos tinham um grande trabalho semanal. O primeiro grupo, onde o professor regente era participante, elaborou uma paródia da música “Amei te ver – Tiago Iorc”, no qual abordaram primeiramente a rotina do professor de Geografia que mora em outra cidade, e na segunda parte da música, abordaram o cotidiano dos alunos ao chegar à escola, inclusive relacionando com o trabalho dos países, vejamos no quadro da página seguinte:

Quadro 4 – Paródia Grupo 1, turma 201.

Grupo 1 - Paródia: Eu não quero rodar
 Música original: Amei te ver – Tiago Iorc

Ah,
 Às 5h da manhã
 Eu pego três “busão”
 Lá na Glória - Viamão
 Eu chego na escola
 Aluno jogando bola
 Não prestam atenção
 Na minha explicação
 Eu amo geografia (3x)
 Ah, não aguento mais andar
 Todo dia a mesma coisa
 Não consigo mais suportar

Eu chego na escola
 Presidente falando toda hora
 Teu projeto tá faltando
 E o tempo tá acabando

Eu não quero rodar (3x)
 Em geografia tenho que passar

Fonte: Turma 201.

Org.: Autora.

Extraí-se da paródia do grupo, uma rotina desgastada do professor, que vem de muito longe para à escola e sequer tem a atenção dos alunos em momentos de explicação. De igual forma, os alunos que em sua maioria deslocam-se a pé para a escola, reclamam que não aguentam mais andar para ir para a escola. Mencionam a cobrança da colega presidente (do país, atividade avaliativa proposta pelo professor) referente aos prazos de projetos para o país (cada aluno era ministro de um país e devia projeto à presidente). Referida paródia, também

mostra a preocupação para não rodarem (reprovarem) em Geografia – o que na hora era nítido nos alunos, por ser o professor, muito rígido com as notas. Todos esses pontos elencados aqui, foram motivo de discussão e reflexão pós apresentação dos alunos do primeiro grupo.

Com relação ao segundo grupo, estes fizeram uma paródia da música “Como nossos pais – Belchior”, trouxeram grande crítica e preocupação com a violência, segurança, política – por ser ano de eleições municipais (2016) - saúde, educação, dentre outros temas, conforme podemos analisar a seguir:

Quadro 5 – Paródia Grupo 2, turma 201

Grupo 2 – Paródia: Qual a minha opção?	Que os buracos da minha rua
Música original: Como nossos pais – Belchior	São maiores do que qualquer escolha
Não quero lhe contar a minha dor	Por isso cuidado meu bem
De coisas que passo todo dia	Os assaltos na esquina
Quero lhe contar o que eu vivi	Ele venceu e os buracos continuam maiores
Andando pelas ruas todos os dias	Pra nós
	Que somos pobres
Pobreza, eu não quero negar	Você me pergunta qual é a minha opção
Mas sei que até domingo tenho que escolher uma pessoa boa	Digo que estou estressado por conta da corrupção
Mas também sei	Não vou ficar aqui sentado dentro desse busão
	Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação

Fonte: Turma 201,

Org.: Autora

Ao abordarmos o terceiro, quarto e quinto nível: *Estabelece situações de interação e cooperação entre os alunos; Conta com a intervenção do professor no processo de aprendizagem dos alunos e Apresenta informações, conceitos e análise de dados.* Em uma atividade com a turma de 1º ano do ensino médio, que estudavam com o professor regente o conteúdo de paisagem fiz uma dinâmica sobre a transformação do espaço. Por meio de fotografias antigas e recentes do centro da cidade de Viamão (município sede da escola) discutimos sobre a transformação da paisagem, sobre as rugosidades do centro, abordamos as

novas serventias de prédios, como por exemplo, a antiga sede do Tribunal de Justiça do Estado, que hoje é uma lancheria, dentre outras coisas.

Associado a esta dinâmica, escutamos na sequência a música “Saudosa Maloca – Adoniram Barbosa” – música essa que os alunos nunca tinham escutado. Através da letra, dialogamos sobre as diversas mensagens trazidas na música, tais como, a transformação do espaço local em estrofes, como:

“Se o senhor não tá lembrado
 Dá licença de contá
 Que aqui onde agora está
 Esse adifício arto
 Era uma casa véia
 Um palacete assobradado”

Discutimos também sobre o sentimento de pertencimento de quem estava vendo sua “maloca” sendo destruída, conforme narra a canção:

“Foi aqui seu moço	Peguemos tudo as nossas coisas
Que eu, Mato Grosso e o Joca	E fumos pro meio da rua
Construímos nossa maloca	Apreciar a demolição
Mas um dia, nem quero me lembrá	Que tristeza que eu sentia
Veio os homis c'as ferramentas	Cada táuba que caía
O dono mandô derrubá	Doía no coração

Interessante foi o debate realizado com os alunos que relataram as questões de ocupações, da segregação, crescente verticalização das cidades e uma mudança paisagística que resume cidades em prédios e arranha-céus. Associamos a música com a retirada da praça verde do centro de Viamão por uma praça de pedras projetada pela Prefeitura, que resultou em uma cidade mais cinza e sem espaços arborizados onde as famílias e amigos costumavam se reunir, relacionando assim com o sentimento de pertencimento que os viamonenses tinham com a praça da matriz. Referida atividade proporcionou aos alunos a percepção do conceito de paisagem, bem como, suas mudanças e implicações da vida cotidiana.

Já em relação ao sexto nível da metodologia: *Propicia situações de diálogo entre alunos e destes com o professor*, associo tal nível a uma atividade do estágio no ensino médio que foram os Seminários Morfoclimáticos. A turma de terceiro ano foi dividida em sete grupos, dos quais foram lhe destinado a cada grupo, um domínio morfoclimático e outro com as Faixas de Transição. A avaliação consistia em duas fases, a primeira em uma apresentação do domínio trazendo os aspectos físicos e sociais, relacionando com os aspectos econômicos e ambientais, com análise de dados passados e perspectivas futuras, seguidos de debate em sala de aula. A segunda fase foi a criação de uma paródia que resumisse o tema, objeto de cada grupo no seminário, por resultado, tivemos paródias muito bem elaboradas e uma atividade rotulada pelos alunos como “muito divertida de fazer”. No início, alguns alunos sentiam um pouco de vergonha, por serem tímidos, mas no final, teve até alguns alunos dançando. Vejamos um exemplo, de uma paródia elaborada por um dos grupos:

Quadro 6 – Paródia Grupo Faixas de Transição – Turma 302.

Grupo: Faixas de Transição	
No dia em que eu saí de casa,	Algumas características de dois ou mais
Minha mãe me disse:	Domínios Morfoclimáticos
Vai Estudar	Agora tudo que eu te ensinar,
E ela era quem me ensinava	Vai levar pra vida sobre Geografia
Sobre cada rocha que eu iria por nos pés	Mais três exemplos deste conteúdo
Um dia ela falou: Meu filho,	É Pantanal, Agreste e Mata Seca
hoje eu vou te ensinar faixas de transição	Tomara que a sora tenha gostado
São várias entre as regiões naturais,	Do nosso trabalho
Um exemplo é Mata dos Cocais	Pra nos dar um 10!

Fonte: Turma 302

Org.: Autora

Por fim, com relação ao sétimo e oitavo níveis, *promove a auto e sociorreflexão dos alunos; Oferece alternativas ao acompanhamento e controle dos resultados*, ao término de

uma aula sobre Identidade Negra com uma turma de oitavo ano do ensino fundamental depois de termos usados outros recursos, como o conto africano “Os cabelos de Lelê”, relatos de jovens negros que sofriam preconceito por conta do cabelo, debates sobre representatividade finalizamos com a música “ Respeita minha pele – Marvyn” que faz uma crítica ao racismo, bem como, reforça o orgulho negro e a questão de ter mais representatividade negra. Com a música, finalizamos com chave de ouro, todos os argumentos trazidos pelos alunos ao decorrer da aula, sendo uma síntese daquilo que foi discutido e construído com os jovens.

Dessa forma, podemos observar que a música como uma linguagem de aprendizagem é também um recurso inovador para os alunos e deve ser utilizada pelos professores de Geografia, pelas diversas vantagens que são ofertadas por ela.

Como abordado anteriormente, é possível que a música não agrade a todos os alunos, talvez, pelo gênero musical que não se identifique com o seu. Entretanto, pode-se variar com os alunos, ir buscando mesclar diferentes estilos, pedir para que os próprios alunos tragam as músicas que escutam diariamente para dentro da sala de aula, a fim de que possam compreender que “as músicas ouvidas cotidianamente por nós e nossos alunos trazem a questão social/espacial em suas letras e que podemos começar alguns assuntos novos com esse “chamariz”. (KAERCHER, 2010, p. 17)

Não só como ponto de partida pode servir a música no contexto escolar. Não é preciso utilizar-se da música apenas como início das aulas de maneira introdutória, mas sim, como forma de induzir à reflexão da realidade, do que foi discutido e construído com os demais colegas.

5 É PRECISO IR À FONTE

De nada valeria este trabalho sem ir à fonte, só é possível pensar se essas novas práticas irão conduzir um melhor processo de aprendizagem, se buscarmos o referencial nos nossos alunos. Costella, (2013), afirma que isso só é possível se estudarmos o aluno, inclusive talvez mais que estudar a própria ciência.

Nesse viés foi formulado um questionário com questões objetivas e dissertativas, a fim de alcançar os objetivos propostos no início deste trabalho, buscando conhecer um pouco mais sobre esse aluno, sobre o que ele pensa da proposta aqui apresentada, uma vez que não há “nada mais rico do que ouvir o aluno para saber, afinal, a quantas andas (ou não) a nossa Geografia velha de guerra. É ele, com certeza, o mais fiel “produto” de nossas aulas” (KAERCHER, 1998, p. 81).

Dessa forma para responder a este questionário, alunos de três turmas de terceiro ano do ensino médio foram selecionados. Justificando tal escolha, essa se baseia em parte na vivência escolar. O aluno que está terminando a jornada escolar básica, já passou por diversos professores, diversas metodologias, sabendo dessa forma o que mais lhe agradou, ajudou ou não no seu processo de aprendizagem. A outra razão é pela questão do gosto em si pela música. Retratei em diversos momentos a questão da proximidade de jovens e crianças com a música, tornando-se assim uma linguagem de aprendizagem mais acessível aos alunos.

Isto posto, jovens do terceiro ano do ensino médio, na média dos dezessete anos de idade, como já passaram por diversas metodologias (umas fracassadas e outras com sucesso), podem responder com mais convicção se a música seria, de fato, uma melhor opção na aprendizagem e na construção do conhecimento.

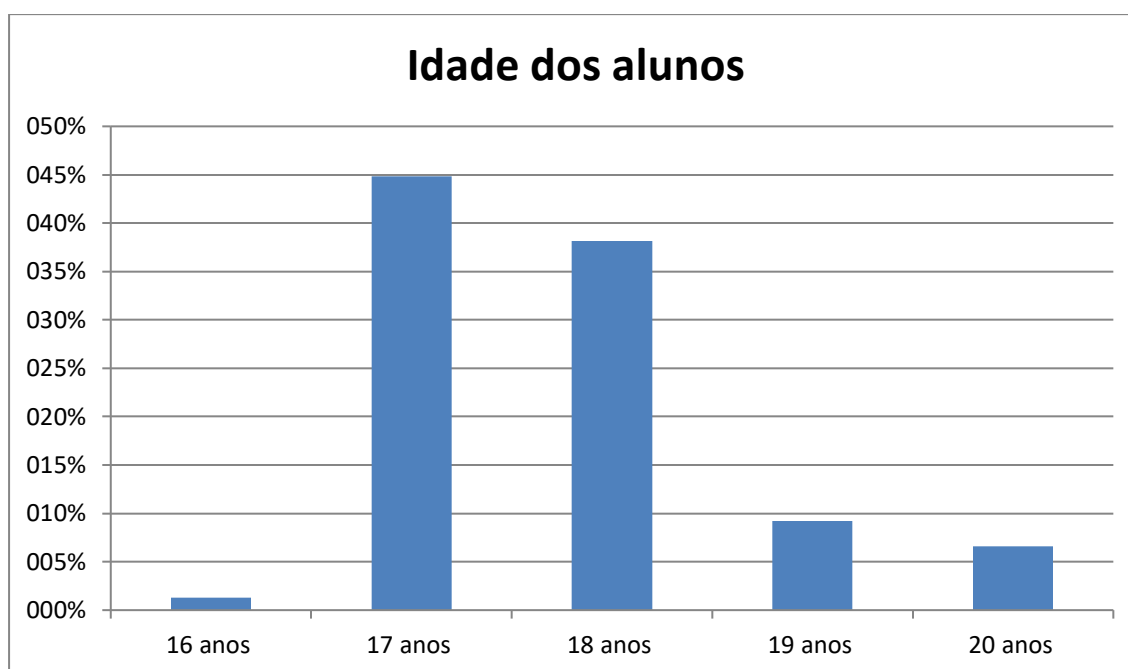
Inclusive, alunos dessa faixa etária podem responder com mais precisão sobre a sua afetividade com a música, visto que boa parte já passou pelos períodos de transição da adolescência, construindo sua própria identidade, sabendo o que realmente gostam. Por fim, ressalta-se que os alunos questionados, foram de uma escola pública do município de Viamão.

Como era semana de conselhos de classe na escola escolhida, os alunos estavam em horário especial e os professores como estavam em correria com a entrega das notas, cederam-me um período em cada turma de terceiro ano do ensino médio. Apresentei-me, e em seguida expliquei aos alunos o que eles iriam responder, ou seja, sobre o que se tratava tal pesquisa de

forma genérica. Os alunos responderam ao questionário em um tempo aproximado de 20 minutos e como a duração do período é de 1h (uma hora), após recolher os questionários (cujas respostas são individuais), conversamos sobre o questionário e partilhamos as opiniões e dúvidas que surgiram, resultado: tivemos uma longa e inesperada conversa. Inclusive, realizamos breves exercícios como a escuta dos sons e músicas que os alunos cantaram “para me testar”, para ver se dava ou não para usar nas aulas.

De um total de 76 (setenta e seis) alunos que responderam ao questionário, são predominantes alunos na faixa etária dos dezessete e dezoito anos, tendo também um aluno com dezesseis anos e outros com dezenove e vinte anos.

Gráfico 1 – Idade dos alunos questionados.



Org. A autora

O questionário inicia com a questão: “Você gosta de Geografia?”. Ofereci para essa questão, alternativas como: “Sim, é minha matéria favorita”, “Gosto, mas não é minha matéria favorita”, “Indiferente” e “Não gosto de Geografia”. Para minha não surpresa, apenas 2,7% dos alunos responderam que gostavam e que era sua matéria favorita. Porque minha não surpresa? Pela razão de que só ouvirem dos professores me apresentarem como professora de

Geografia, já escutei “burburinhos” de que não queriam ter aula de Geografia, porque Geografia é chato. Entretanto, mais de 50% responderam que gostam de Geografia e esse dado é muito significativo em meio a tudo que vivemos no cenário educacional, vejamos:

Gráfico 2 – Você gosta de Geografia?



Org. A Autora

Com todas as turmas, praticamente a mesma conversa, e quando questionados o porquê de não gostarem de Geografia, imediatamente, os alunos culpavam o professor. Falavam que os professores de Geografia que tiveram até hoje só ficavam dizendo os conteúdos para decorar e o único professor de Geografia que não fazia decoreba com os alunos, os jovens não conseguiam acompanhar o raciocínio do professor, pois não estavam acostumados com diferentes metodologias de ensino.

Pedi a eles que tentassem analisar apenas o componente curricular, sem a interferência do professor, mas foi praticamente impossível, pois para eles quem “faz a matéria é o professor”. Sendo assim, responderam coletivamente que não gostavam ou que gostavam “mais ou menos” – fazendo sinal com as mãos, entretanto ao analisar as respostas individuais, é possível observar que mais da metade dos alunos, ao menos gostam da “matéria”, sendo assim, ainda temos esperanças, porém é importante observar o fato de que o professor acaba interferindo no gosto dos alunos pelo componente curricular, além das metodologias utilizadas

pelos mesmos, visto que não basta o professor “ser só legal” se os métodos de ensino não forem eficientes.

Na segunda pergunta que questionava quais recursos didáticos mais chama a atenção dos alunos, dentre as opções de resposta, estavam: Livro didático, Música, Saída de Campo, Filmes, Jornais e acrescentei uma lacuna com o campo: outros, a fim de que os alunos pudessem acrescentar alternativas. Destaco que essa questão os alunos poderiam marcar mais de uma alternativa. As respostas foram bem parecidas, os três recursos com maior destaque pelos alunos foram: saída de campo, filmes e música. Sugeriram outros recursos, tais como: Aulas bem explicadas e com humor, trabalho em grupo com dinâmica, aulas práticas, documentários, aulas participativas e, inclusive, um aluno escreveu que a didática do professor é mais importante.

Tabela 1: Que tipos de recursos didáticos mais chama sua atenção?

Que tipos de recursos didáticos mais chama sua atenção?	
Recurso	Número de vezes apontado pelos alunos
Saída de Campo	51
Filmes	29
Música	25
Livro Didático	05
Documentários	02
Aulas bem explicadas com humor	01
Trabalhos em grupo com dinâmica	01
Aulas práticas	01
A didática do professor é mais importante	01
Aulas participativas	01
Jornais	00

Org.: Autora

No momento de conversa sobre o questionário, perguntei para eles o porquê gostavam tanto de saída de campo, uma das alunas relatou “é onde ficamos livres da sala de aula, nos sentimos livres” e outra complementou “é mais um passeio”. A própria saída de campo, que é um recurso digno de grande aprendizagem, principalmente na Geografia, sob o olhar de alguns dos alunos questionados, não é bem explorada, mas levado como um passeio, e acredito que

eles gostam por isso, pois em muitas realidades, às vezes é o único contato cultural ou passeio que algumas crianças e adolescentes podem fazer, devido à problemas familiares, financeiros, etc. Outros alunos, por sua vez, falaram que gostam da saída de campo, pois conseguem aprender melhor na prática do que apenas com livros e textos imensos.

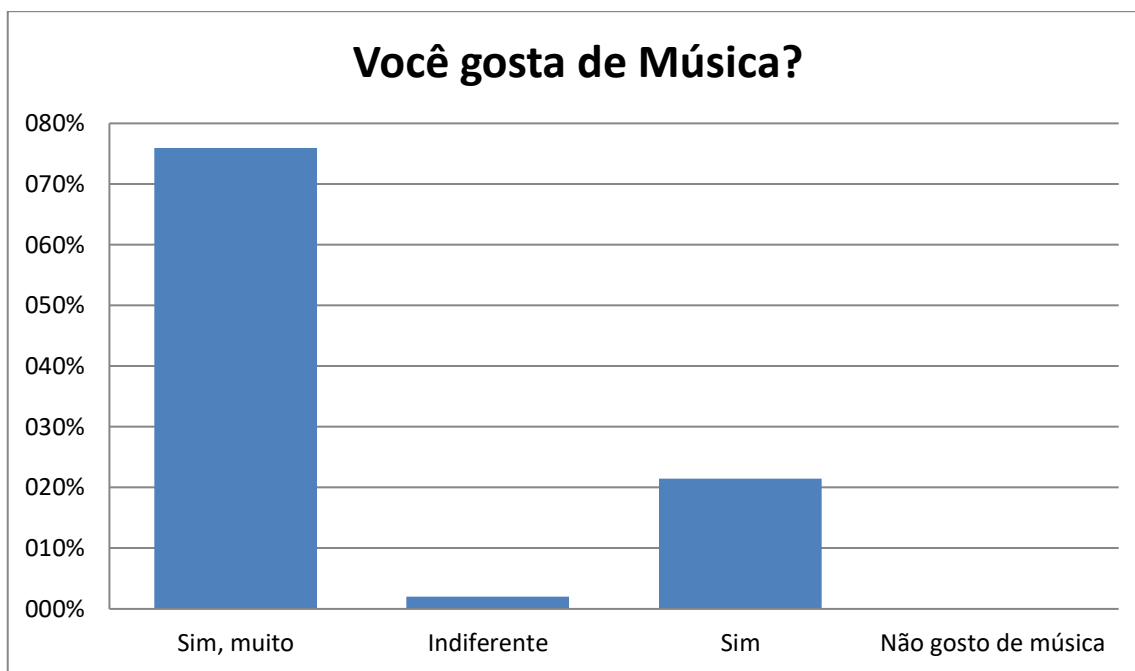
Quanto aos filmes, uns falaram que gostam mais porque não precisam ficar copiando, enquanto outros debateram que com filme só sentem sono e que não gostam quando os professores passam filmes, ainda mais porque não explicam, apenas colocam o filme e pedem resenha.

Quanto à música, já demonstraram maior receptividade e falaram que gostam porque aprendem melhor e se sentem atraídos. Ainda na conversa, um dos alunos mencionou que não importa o recurso que o professor use, mas a didática, pois existem professores que “até trazem coisas novas, mas não sabem dar aulas”.

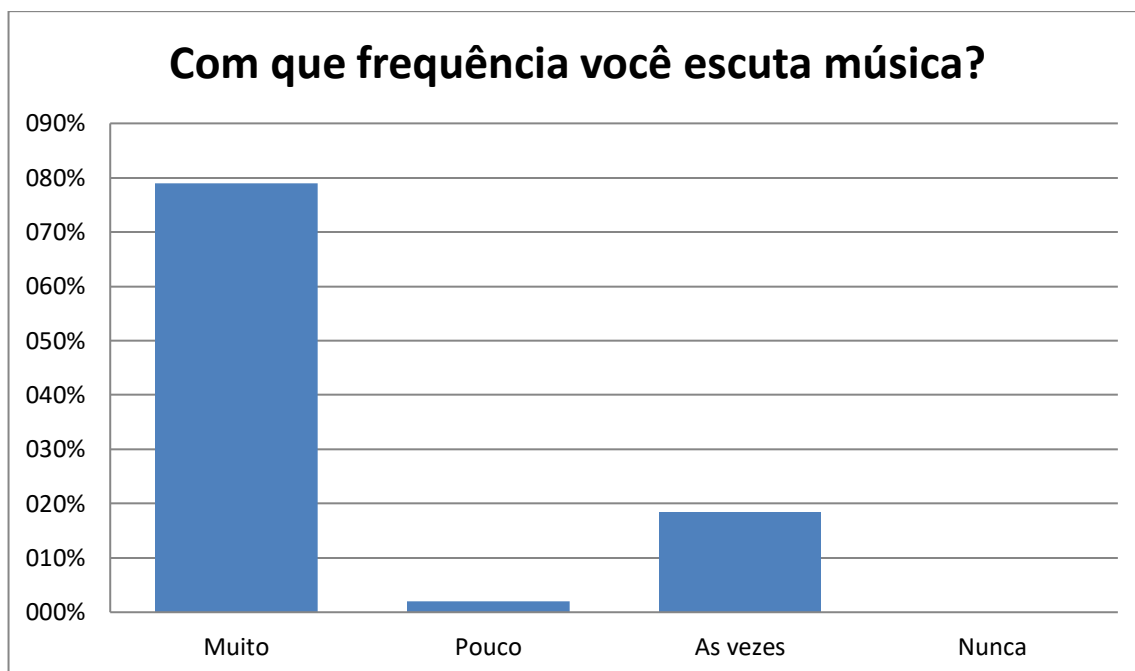
Dando sequência ao questionário, a terceira pergunta – Além da sala de aula, onde mais é possível aprender Geografia para você? As respostas (de maneira dissertativa) foram semelhantes. Alguns alunos retratam que é possível aprender Geografia na rua, ao ar livre, citaram muito sobre saídas de campo, internet, jogos, enquanto outros escreveram que é possível aprender Geografia no dia a dia, na natureza e nas pessoas, enfim, alguns responderam que é possível aprender Geografia em todos os lugares. Aqui, mais uma vez a questão do cotidiano e o quanto os próprios alunos enxergam a necessidade de falar e debater sobre os acontecimentos diários.

A próxima pergunta faz menção ao gosto do aluno pela música. Referido questionamento, faz menção aos argumentos aqui discutidos, sobre o “aluno ser musical”, inclusive associado com a sexta pergunta que trata da frequência que o aluno escuta música, podemos analisar nos gráficos a seguir que nenhum aluno mencionou que não gosta de música, bem como, nunca tenha escutado.

Cabe frisar, que um dos alunos equivaleu à pergunta “Você gosta de música” a uma nova pergunta: “Você gosta de respirar?” e acrescentou algumas notas musicais ao redor do enunciado da questão. Vejamos o gráfico na próxima página:

Gráfico 3 – Você gosta de Música?

Org. Autora

Gráfico 4 – Com que frequência você escuta música?

Org. Autora

Questionados se gostariam que seus professores utilizassem música durante as aulas, quase que a totalidade dos alunos responderam que sim, inclusive aqueles que alegam que escutam pouco e os poucos alunos que declararam que a música não tem importância para eles (cerca de quatro alunos, como será possível analisar adiante). Os alunos afirmam que por meio da música conseguem aprender realmente e a aula passa a ser mais dinâmica atrativa e participativa, pois chama a sua atenção.

Outros poucos alunos, afirmam que acham que a música sozinha não seria o suficiente para aprender, pois pode ser levada na brincadeira e acabar atrapalhando o ensino do conteúdo. Dos alunos questionados apenas dois disseram que não gostariam, pois um acaba associando música com o ensino de língua estrangeira e outro afirmando que apesar de gostar de música, acredita que não aprenderia a matéria, prefere aula “normal”.

Na conversa coletiva, conversamos sobre essa sangria enraizada do conteúdo ser primazia no aprendizado. Expliquei a eles que a música não seria uma substituição dos conteúdos, mas sim um auxílio, uma linguagem diferente de aprender. O receio dos alunos é de que a música ficasse só no “escutar”, e então expliquei que não é só escutar e sim contextualizar, debater e discutir. Expliquei ainda que também não se trata de decorar e sim construir o aprendizado junto à música.

Na pergunta: “Que conteúdos de geografia, você acredita ser possível estudar através da música?”, foram dadas diversas alternativas aos alunos, muitos acreditam que todas elas podem ser passíveis de estudar por meio da música, inclusive, na turma onde eu fui estagiária, os alunos perguntaram se podíamos fazer um exercício, se eles poderiam dizer a música e a gente conversar sobre o que ela poderia tratar.

Como tínhamos tempo, assim fizemos, conversamos sobre algumas músicas sugeridas pelos alunos (eles cantaram), como Senhor Presidente – Projota (referenciada no segundo capítulo), Chega – Gabriel Pensador, Que País é esse? – Legião Urbana e mais algumas outras, todas de cunho crítico abordando temas como política e desigualdade social. Observamos na tabela a seguir que trata da opinião dos alunos, referente à quais conteúdos acham ser possíveis de aprender por meio da música, vejamos:

Tabela 2: Conteúdos possíveis de trabalhar com música

Conteúdo	Número de vezes apontado pelos alunos
Desigualdade Social	42
Temas diversos (violência, problemas ambientais, etc.).	40
Sociedade	40
Política	35
Clima	27
População	27
Todas alternativas anteriores	22
Regiões	19
Economia	18
Urbano/Rural	16
Vegetação	08
Hidrografia	04
Relevo	02

Org. A Autora

A nona questão questionava os alunos, no estilo comparativo: “Se você tivesse que aprender um conteúdo de Geografia e seu professor utilizasse um texto do livro didático ou uma música, com qual desses recursos você acha que aprenderia mais? Justifique”. Quase que a totalidade dos alunos afirmaram que prefeririam a música, pelas mais diversas razões, mas a predominante é que textos de livros didáticos são muito cansativos, afirmam ainda que aprendem melhor com a música, pois sai da “mesmice”. Um dos alunos relatou que gosta mais de ler, mas pensando no bem comum, ou seja, que os colegas gostam mais de música, ele também preferiria música.

Alguns poucos alunos associam a música como memorização, como se fosse algo para decorar os conteúdos, como dito por uns “é mais fácil de gravar” – notemos aqui um pensamento decoreba.

A décima questão trata-se de um pequeno exercício, no qual pede para que o aluno faça uma pequena análise do trecho da música Asa Branca (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), vejamos na página seguinte:

Quadro 7 – Exercício aplicado no questionário.

Leia o trecho da música a seguir e responda as perguntas: a) Como você imagina ser o local narrado pela música?	Quando olhei a terra ardendo Qual fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação
b) Por qual razão esse local seria assim?	
c) Você consegue aprender melhor sobre esse lugar com o auxílio da música ou preferiria outro recurso didático?	

Org. A Autora

Muitos alunos responderam à questão afirmando ser um local seco, árido, com poucas chuvas e muito quente, mencionando inclusive o local de fato, ou seja, o Nordeste. Na questão b, responderam que esse local seria assim devido ao clima, pela grande incidência dos raios solares e também pela hidrografia. Já na questão c, quase que a totalidade dos alunos que responderam ao questionário que preferem a música, pois ela ajuda a interpretar melhor o lugar. Os seis alunos que não preferem a música complementam que embora dê para aprender com a música, acham que falta algo, um complemento talvez. Um desses alunos acrescentou que a melhor forma seria uma música e depois explicação, “para ninguém ter que decifrar parábolas”.

Que possamos observar pelas respostas dos alunos, o quanto o pensamento conteudista e determinista está enraizado nos alunos, isto é, respostas curtas, clássicas de decorebas impostas pelo ensino tradicional, ou seja, afirmam que o local é assim pelo clima, não conseguem ir além disso, não conseguem analisar o local de clima seco com outros locais de igual condição climática, não compararam, nem analisam o local com outras economias, IDH, etc. Na nossa conversa coletiva, retomei o discutido nas questões anteriores, de que música precisa ser explorada, contextualizada, ou seja, é nesse viés que a música contribui para uma melhor aprendizagem, fazendo relações, questionamentos e reflexões do espaço.

Nas sugestões dadas pelos alunos, encontram-se as músicas: Geração Coca-Cola, Faroeste Caboclo e Que País é esse? – Legião Urbana, Sr. Presidente – Projota, Planeta Água – Guilherme Arantes, Eu sou do Sul, Deus e eu no sertão – Victor e Léo, Tocando em Frente – Almir Sater e Chega – Gabriel Pensador.

Por fim, retorno minha análise para a quinta pergunta, de cunho mais pessoal e acredito que a pergunta mais importante do questionário, por tratar da relação pessoal dos alunos com a

música, saciando assim os objetivos desse trabalho, principalmente no que tange a analisar o posicionamento e as reflexões realizadas pelos alunos quanto à utilização da música como parte do processo de conhecimento. Decidi fazer para eles, a mesma pergunta que fiz a mim mesma no início deste TCC: Qual a importância da música em minha vida? O que ela significa para mim? Dessa forma, transcrevo as respostas dos alunos na tabela a seguir:

Tabela 3 – Qual a importância da música tem na sua vida? O que ela significa para você?

Qual a importância que a música tem na sua vida? O que ela significa para você?
A música tem uma importância e tanto na minha vida, pois ela serve para diversos momentos, desde os mais felizes aos mais tristes. Ela significa para mim o poder de expressar sentimentos inexplicáveis que não cabem no peito.
A música tem grande importância em minha vida, pois, significa alívio, ela acalma, agita, anima, tem várias funções e tipos. Música é essência.
As músicas passam alguma mensagem, algumas boas, outras ruins. As mensagens boas é uma felicidade, superação, as ruins passam uma forma triste, faz pensar em momentos ruins, mas é um aprendizado.
A música tem roubado uma parte da minha vida. Bom, me identifico em várias e acho que esse seja o significado da música: fazer as pessoas sentirem.
A importância é que a música me traz paz , e dependendo da música, ela significa que não precisa se aprender só em livros, pode usar outros métodos como a música.
A música me faz refletir sobre muitas coisas.
É o que faz o meu humor mudar, se estou triste escuto uma música alegre para me alegrar e se estou agitado, escuto uma música mais calma independente do meu dia a dia, para o meu dia começar bem.
A música é um jeito de você aprender, se reconstruir e expor o que você está sentindo no momento que tal sentimento não seja bom.
Muito importante, com ela eu consigo muitas vezes melhorar meu humor e muitas vezes consigo aprender coisas novas (aumentar o vocabulário).
A música faz com que a pessoa sinta que a música entenda ela, a música faz com que as pessoas se identifiquem com algumas coisas. Ela fortalece os sentimentos e as vezes até acaba unindo ainda mais as pessoas.
Tudo é som, podemos aprender matérias com as músicas.
Alegria.
A música é importante, pois muitas delas passam uma mensagem boa.
Ela me faz parar para refletir quando não estou bem ou estou indecisa com alguma coisa.
É ela que me distrai nos momentos em que não tenho nada para fazer.
Acho importante para descontrair , em momentos vagos, por exemplo, no ônibus.
A importância é que é um jeito de aliviar algumas emoções ou estresse do dia a dia.
Bom, a música é muito importante para mim. Me deixa mais feliz.
Ela me ajuda pensar , ficar bem quando estou triste.
Para mim a música é bem importante, pois tem uma música para cada momento de nossa vida , tanto para os momentos bons, quanto para os ruins.
É importante para mim, pois muitas vezes me anima ou até me ajuda entender uma situação, mas, não sei dizer ao certo o que ela significa para mim.
A música tem grande importância para mim. É algo que pode até te deixar totalmente "relax", dançante ou até mesmo causar reflexões.
A música para mim me representa em dias bons, dias ruins e muitas vezes sua letra é tudo que preciso ouvir.

Um jeito **diferente** é bom escutar de vez enquanto.

Nada, nada.

A música me deixa calma, quando estou nervosa. Me deixa feliz, quando estou triste. Ela é **essencial** na minha vida.

É algo que faço para me tranquilizar e faz como se **entenda** melhor, ou seja, a música se torna algo menos "cansativo" repetitivo.

A música para mim é muito importante, pois na maioria das vezes me **animo** e faz me distrair dos problemas.

A música na minha vida, eu considero como segunda coisa mais importante, pois está diretamente ligada ao meu humor. Para mim, música significa **vida**.

Ela tem uma importância muito forte, **influencia** o humor e trilha para qualquer momento, significativa em minha vida.

Não respondeu essa questão.

A música faz parte da **minha infância** pelo fato de eu ter frequentado por anos a Igreja Evangélica. Aprendi bateria, trompete, entre outros.

Nenhuma.

Ela significa **felicidade** na minha vida.

A música alegra nosso dia, nos traz tranquilidade e nos deixa **animados**.

A música me acalma me tranquiliza. Significa outro **mundo onde eu posso viajar nas letras** e me imaginar fazendo as ações retratadas nela.

Eu nasci em um ambiente musical, eu sempre fui **apaixonado** por isso, então basicamente sempre **respirei música**.

Muita! Ela me **acalma** e me deixa alegre.

Um meio de **expressão**.

Música para mim é **super importante**, pois ajuda a relaxar quando estressados, a chorar quando triste, ou simplesmente comemorar algo bom.

Desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio.

Música é **vida**.

Ela é legal. **Motiva** as pessoas.

Importância **sentimental** significa situações parecidas que às vezes surgem em nosso dia a dia.

Música, ela é uma **representação** do seu humor. Sempre terá algo que acontecer que se encaixará em alguma música e muitas memórias voltam só de ouvir algum estilo, música significa **lembranças**.

Eu respiro música, significa tudo para mim, **um mundo sem música é um mundo silencioso e chato**.

Ela é muito **importante**.

Ela me anima quando escuto, **me sinto bem**.

Não tem nenhuma importância.

Só **escuto quando estou** descornado ou pistola "irritado", quando triste, sertanejo e quando irritado TRAP.

Ela é **tudo** na minha vida, não só um hobbie, é meu trabalho e meu ganha pão, com ela consegui tirar minha carteira de motorista e cada dia mais acaba entrando mais na minha vida. **A música é minha vida**.

Me ajuda a crescer como indivíduo.

Bastante importante, às vezes (muitas vezes) paro e **fico horas escutando músicas**, tanto músicas que de certa forma são importantes para mim, quando por diversão.

A música tem grande importância para mim, ela significa muito, me traz paz e me sinto bem escutando ou tocando algum **instrumento**.

Bom, na minha vida a música é importante, porque escuto em momentos que estou triste ou feliz, com ela fico mais descontraída. A música é um meio de **entretenimento**.

A música, ela em algumas vezes me ajuda bastante, pois quando estou meio agitada a música me ajuda a me descontraír. A música significa bastante, pois me ajuda algumas vezes no meu **dia a dia**.

A música é importante para mim porque ela me acalma às vezes, e às vezes me deixa alegre .
Muito, pois é nela que eu vejo sentido para vida e sentimentos onde me encontro .
Tem uma importância muito grande para mim, porque quando ouço, fico tranquilo. É uma forma de fugir deste mundo caótico.
É de muita importância, pois tem música para cada situação da vida. O significado varia de momento para momento, mas significa uma maneira de expressar minhas emoções.
Tranquilidade.
Tem muita importância, sinceramente, não vivo sem .
Música na minha vida significa um tipo de estado emocional , ou um significado mútuo de quando e como estamos. Quando estamos alegres, escutamos músicas alegres, quando estamos tristes, escutamos músicas tristes.
A música mostra o que sentimos. Elas são conhecimentos e sentimentos .
A música é muito importante, não só para mim, mas para muitas pessoas. A música acalma e me traz um bem-estar enorme.
A música me acalma, ela significa tudo . Não importa o meu estado de humor, ela sempre vai estar lá para me acalmar e alegrar.
Ela é importante porque me acalma e é um meio de distração .
A música influencia o humor das pessoas e pode influenciar a forma de pensar das pessoas.
A música é arte e muitas vezes nos expressamos através das músicas.
A música para mim é uma das coisas mais importantes, é uma das artes que mais traz emoção .
O modo que conseguimos nos desvencilhar de tudo ao redor.
É uma forma de fugir da realidade , esquecer os problemas, se distrair.
Músicas tem ligação com nossos sentimentos , pode nos animar e etc.
Para mim, não tem significado nenhum, muitas vezes as músicas não têm um significado exato.
Concentração de estudo.
Faz a gente sorrir e chorar na mesma hora. Sempre estive presente na minha vida, me tirava dos momentos ruins.
Org.: Autora; grifos meus.

Verifica-se que a música, quase que unânime, é de extrema importância da vida individual dos alunos. Apenas quatro alunos, que responderam ao questionário, afirmaram que a música não tem nenhuma importância da vida deles, entretanto esses mesmos alunos, nas questões anteriores, respondem que preferem a música do que outro recurso no processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, como podemos observar na tabela supramencionada, as respostas foram diversificadas e para mim, em especial, foram emocionantes e satisfatórias, tanto que ao longo da tabela grifei algumas palavras escritas pelos alunos, das quais me aproprio neste momento para escrever o que é música, para mim, baseada neles:

A música é a capacidade de expressar sentimentos, é essência, é uma forma de aprendizado. A música traz paz e nos faz refletir. A música também ajuda no nosso estado de

humor, nos faz reconstruir, nos faz entender e nos identifica. A música nos faz aprender cada dia mais, inclusive, que no som encontramos também a alegria. A música nos traz mensagens, nos distrai, nos descontraí e também nos desconstrói. A música nos emociona, nos faz mais felizes, nos faz pensar, ela está presente em cada momento de nossas vidas. A música nos torna apaixonados, nos acalma, muitas vezes, nós respiramos música. A música desenvolve a mente humana, nos motiva, nos traz lembranças e também é uma forma de representatividade. Tem o poder de fazer as pessoas se sentirem bem, ela é essencial, pois nos anima para a vida. A música causa influência, nos remete à nossa infância e nos carrega para um mundo onde podemos viajar nas letras, nos deixa perdermo-nos no tempo a ponto de ficarmos horas escutando música. Não é só uma forma de entretenimento, ela está presente no dia a dia, e nela é onde podemos nos encontrar, bem como, fugir ou encarar a realidade. Ela é conhecimento, é bem-estar, é arte, é realidade, nos ajuda a crescer como indivíduo. Por fim, nas palavras de um aluno: Um mundo sem música é um mundo silencioso e chato.

6 “IR TOCANDO EM FRENTE...”

Diante de todos os argumentos aqui expostos referente à importância do presente tema, notemos que ao decorrer do presente trabalho, trilhamos um caminho que buscou-se alcançar o objetivo geral de discutir a música como uma das linguagens de aprendizagem em Geografia. Inicialmente, esse caminho passou pelo questionamento se a música se restringiria em apenas ser cantada, traçando então o primeiro objetivo específico, ou seja, compreender a música como recurso didático no ensino de Geografia. Nessa primeira parada do caminho, carregado de dúvidas e incertezas, que circundam a mente de diversos professores, a música é apresentada como uma linguagem no processo de ensino-aprendizagem, nos mostrando que é um recurso que pode ser utilizado para capacitar melhor os alunos.

Posteriormente, no percurso, fomos convidados para construir o conhecimento em Geografia por meio da música, dos quais buscamos estabelecer relações entre os objetos de aprendizagem da Geografia e da construção do conhecimento, extrapolando a Geografia apenas da etimologia da palavra, trazendo-a à realidade. Para alcançar esse objetivo, foi abordada a metodologia de Fuini, referente aos oito níveis de ensino-aprendizagem por meio das músicas, fazendo um comparativo com algumas das construções (práticas) que tive ao longo desta jornada universitária com meus alunos.

No capítulo três, foi possível cumprir com o terceiro objetivo específico, ou seja, analisamos o posicionamento e as reflexões realizadas pelos alunos quanto à utilização da música como parte do processo de conhecimento, por meio do questionário aplicado, bem como, por meio das conversas com os alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Viamão. O referido questionário e conversa possibilitou saber dos alunos o que pensam sobre os recursos didáticos, assim como analisamos que alguns alunos ainda possuem um pensamento conteudista e determinista. Entretanto, por meio de mencionadas técnicas, observamos que os alunos acreditam que a música é uma (das infindas) linguagem de aprender Geografia.

Ao analisar as manifestações dos alunos, tanto no questionário, como nos momentos de diálogo, fica clara a ideia de que a música é, sem dúvida, um recurso significativo para a aprendizagem, desde que seja contextualizada. Da mesma forma, a ideia de que o professor e

suas metodologias de ensino são muito mais significativas do que o próprio conteúdo. As memórias dos alunos carregam professores e não conteúdos.

Por mais que os alunos acreditem na eficiência da música (assim como eu) como linguagem de aprendizagem, as paradas ao longo desse caminho nos mostram que ele não tem um destino final, ou seja, esse caminho não tem uma conclusão e sim nos leva sempre a ir “tocando em frente...”. Digo que devemos “tocar em frente”, porque nós, professores, não podemos parar no tempo, não podemos esquecer que o nosso maior objeto de estudo são os nossos alunos e esses alunos sempre serão diferentes uns dos outros, estando aí a necessidade de buscar e conhecer mais.

Se os alunos sentem tanto apreço pela música, porque não a utilizá-la como uma linguagem de aprendizagem para eles e uma metodologia diferenciada nas nossas aulas de Geografia? Devemos repensar as práticas docentes e buscar o amor pelo ensino, pela aprendizagem, pela educação, para ajudar a transformar a sociedade que sofre tanto com o desamor e com o rancor.

Nós, professores, somos artistas e nossos alunos são as nossas obras de arte. Precisamos encontrar, primeiramente, em nós a capacidade de tornar o aluno, um alguém melhor, um ser que saiba discernir, construir, que saiba também ser um artista nessa grande obra, que se chamada vida.

Para tanto, cito aqui um trecho escrito pela minha avó, Maria da Glória (*In Memoriam*), a quem eu dedico esse trabalho, pois ela, como mencionado anteriormente, foi quem me ensinou sobre o amor e esse amor eu insisto em trazer todos os dias na minha vida, inclusive dentro da sala de aula. Minha avó não era uma professora, não era alguém com formação acadêmica, cursou apenas a educação básica, mas ela era alguém que admirava os professores por serem pessoas que tem o poder de “lapidar” outras pessoas. No dia em que minha mãe se tornou pedagoga, minha avó escreveu essa mensagem de presente para ela, da qual, compartilho um pequeno fragmento a seguir:

“Cada aluno é uma obra de arte e o professor deve ser o artista. É lindo o poder de criar da matéria-prima, ou seja, o aluno, criar uma obra de arte. Criar alguém que seja uma boa pessoa na sociedade, no mundo, na convivência familiar, um ser capaz de relações. O mestre artista é aquele que faz dos alunos, discípulos e não adversários, discípulos que se encontram com o mestre e o seguem, o admiram. Conclusão: todo professor deve ser um artista que tira da matéria-prima, um intelectual, um profissional [...]. Chega o momento em que eu tenho que me fazer, me criar, ser o artista de mim mesmo. Ser artista de si mesmo, é tomar nas próprias mãos as

possibilidades e colocá-las a serviço do saber, das próprias emoções, amadurecê-las e ter consciência dos sonhos. Realizá-los e fazer o trabalho com amor, isto, é um ato artístico”. (MARIA DA GLÓRIA, julho de 2010).

Que sejamos esses artistas que a cada dia encontram dificuldades em seu caminho, mas não desistem de lapidar suas pedras e torná-las preciosas. Por fim, não poderia deixar de fazer uma breve analogia à profissão professor com a frase de Santa Madre Teresa de Calcutá “Sei que meu trabalho é como uma gota no oceano, mas, sem ele o oceano seria menor”. Eu, enquanto professora, sei que a minha dedicação, o meu esforço, a minha constante e incansável busca por tornar meus alunos competentes, habilidosos e cidadãos, é algo muito pequeno diante desse oceano chamado educação, entretanto é esse pouco, é essa “gota” que faz a diferença. Entre letras e melodias, eu seguirei construindo a Geografia com meus alunos, seguirei fazendo da música, uma linguagem de aprendizagem. Seguirei todos os dias, tocando em frente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Palavra para desatar nós**. São Paulo: Papyrus, 2011.
- ANDRADE, Cristiane Maciel de Souza; COSTELLA, Roselane Zordan. **O ensino por competência: o motor das reformas educacionais**. In: Movimentos para ensinar Geografia – oscilações. Porto Alegre, Letral, 2016, p. 105-117.
- ANDREIS, Adriana Maria. **Ensino de Geografia: Fronteiras e Horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, Imprensa livre, 2012.
- ARAÚJO, Lindomar da Silva. **A História da música**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>>. Acesso em 10 ago.2018.
- ARANTES, Guilherme. Planeta Água. In: Amanhã. WEA, Elektra Records, 1982, Compacto, Lado A.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **Educação em geografia: aprender a pensar através da geografia**. In: SCHAFFER, Neiva Otero [*et al*]. Ensinar e aprender Geografia. XVIII Encontro Estadual de Geografia. Porto Alegre, 1999, p. 23-28.
- BARBOSA, Adoniran. Saudosa Maloca. In: **Especial**. EMI-Odeon, 1990, Disco, Faixa 1.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. **Qualidade, Quantidade e Interesses do conhecimento: Evitando confusões**. In. BAUER Martin W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 17-36.
- BELCHIOR. Como nossos pais. In: Alucinação, PolyGram, 1976, Disco, Faixa 3.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 05 set.2018.
- BORGES, Elan ; SOUZA, Marcelo. Cê Acredita? In: João Neto & Frederico - Em Sintonia - Deluxe – Digital. Som Livre, 2017, CD, faixa 2.
- CAGLIARI, Bruna Bianchi. **O ensino da África na Geografia: propostas descoloniais**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de geografia: recortes espaciais para análise.** In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al]. 5 ed. Porto Alegre: UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010, p. 57-64.

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: A dupla face de uma relação. In: **Espaço e Cultura**, UERJ nº 26. Rio de Janeiro, 2009, p. 7-18.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O estágio continuado e a (re)construção do fazer pedagógico – o lugar e a escola. In: **Revista Cadernos de Aplicação**. UFRGS, Vol. 20, nº2/2, Porto Alegre, jul/dez/ 2007, p. 561-478

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copeti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia**. Porto Alegre, Mediação, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Os movimentos à necessária inquietude do saber geográfico – novos desafios.** Porto Alegre. Imprensa Livre: Compasso, 2010, p. 35-48.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; ROSSATO, Máira Suertegary; CÂMARA, Marcelo Argenta (Org.). **Ensino da Geografia, Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. (Org.) **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre. Imprensa Livre: Compasso, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan. Movimentos e oscilações para ensinar Geografia. In: **Movimentos para ensinar Geografia – oscilações**. Porto Alegre, Letral, 2016, p. 15-17.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: **Anais do Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais, I**. Belo Horizonte: SeNa, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>>. Acesso em: 10 ago.2018.

CHAVES, Vitor. Deus e eu no sertão. In: Vitor e Léo. Música country, Country, 2002, CD, Faixa 4.

CORRÊA Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny (org). Cinema, Música e Espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

COSTELLA, Roselane Zordan. Movimentos para não dar aula de geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; Tonini, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. (Org.) **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre. Imprensa Livre: Compasso, 2013, p. 63-74.

DUARTE, Milton Joeri Fernandes. **A música e a construção do conhecimento histórico em aula**. 2011. 160 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-144004/pt-br.php>>. Acesso em: 05 ago.2018.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64^a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FUINI, Lucas L. **Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos**. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155/4366>. Acesso em: 11 set.2018.

FUINI, Lucas L. O Ensino Da Geografia E De Seus Conceitos Através da Música. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 38, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/7522>. Acesso em: 11 set. 2018.

FUINI, L.L.; et al.. **A música como instrumento para o ensino de geografia e seus conceitos fundamentais: pensando em propostas para o trabalho em sala de aula**, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/paraonde>>. Acesso em: 11 set.2018.

GABRIEL, o Pensador; GOMES, André; Memê. Chega. 2016.

GONZAGUINHA. O que é o que é. In: Caminhos do coração. EMI Music Brasil Ltda, 1982, LP. Faixa 1.

IORC, Tiago. Amei te ver. In: **Troco Likes**. Slap. Som Livre, 2015, CD, Faixa 2.

JUNIOR, Renato Manfredini. Faroeste Caboclo. In: **Que país é este?** EMI, 1987, Disco, faixa 7.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Ed. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 1998.

KAERCHER, Nestor André. **A geografia é o nosso dia-a-dia**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. 5.ed. – Porto Alegre. **Geografia em sala de aula práticas e reflexões**. UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, 2010, p. 11-22

KAERCHER, Nestor André. Os movimentos que meus mestres me ensinam: DDD1S, Signos, alimentos, escadas, luzes, grenais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; Tonini, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. (Org.) **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre. Imprensa Livre: Compasso, 2013, p. 13-34.

KONG, Lilly. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

MARVYN; JHOW Ene. Respeita minha pele. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, Otávio, da C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. RJ: Vozes, 2001. p. 51-66.

OLIVEIRA, H. C. M. et al A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: Algumas reflexões. **Caminhos da Geografia, Instituto de Geografia/UFU**, v. 8, n. 15, jun. de 2005.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. Conhecendo Novos Sons, Novos espaços: A música como elemento didático para as aulas de Geografia. In: **Geografia e Música: Diálogos**. DOZENA, Alessandro (Org.). Natal, EDUFRN, 2016, p. 85-103.

OLIVEIRA, Geane Queiroga. **Música como recurso didático e metodológico: Uma Abordagem Do Espaço**. 2015. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015. Disponível em: <<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/GEANE%20QUEIROGA%20DE%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

OLIVEIRA, Renato Teixeira; SATER, Almir Eduardo Melke. Tocando em Frente. In: **Meu reino encantado**. 2000, Faixa 14.

O que é a Geografia: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+a+geografia%3F&oq=o+que+%C3%A9+a+geografia%3F&aqs=chrome..69i57j0l5.7143j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 05 set.2018.

O que é Geografia. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/o-que-geografia.htm>>. Acesso em: 05 set.2018.

O que é Geografia. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/geografia/conceito_geografia.htm>. Acesso em: 05 set.2018.

O que é Geografia. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/>>. Acesso em: 05 set.2018.

O que é Geografia. Disponível em: <<http://sogeografia.com.br/Conteudos/Introducao/>>. Disponível em: 05 set.2018.

OS SERRANOS. Eu sou do sul. In: **Interpretam sucessos gaúchos, v.2.** 2009 ACIT, 2017, Faixa 1.

PEREIRA, José Tiago; LEITE, Tom. Senhor Presidente. Universal Music International, 2018.

RUSSO, Renato. Que país é este? In: **Que país é este?** EMI, 1987, Disco, faixa 1.

RUSSO, Renato. Geração coca-cola. In: **Como é que se diz eu te amo?** EMI, 2001, CD, faixa 12.

TEIXEIRA, Humberto; GONZAGA, Luiz. Asa Branca. In: **Vou pra roça/Asa Branca.** Victor, 78, 1947, A1

APÊNDICE

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Trabalho de Conclusão de Curso
Graduanda: Bruna Rafaela Vitorino Galão

Questionário

Data: _____

Idade: _____

1) Você gosta de Geografia?

- () Sim, é minha matéria favorita. () Indiferente.
() Gosto, mas não é minha matéria favorita. () Não gosto de Geografia.

2) Que tipo de recursos didáticos mais chama a sua atenção?

- () Livro Didático () Música () Saída de Campo () Filmes () Jornais
() Outros: _____

3) Além da sala de aula, onde mais é possível aprender geografia pra você?

4) Você gosta de música?

- () Sim, muito () Sim
() Indiferente () Não gosto de música

5) Qual a importância que a música tem na sua vida? O que ela significa para você?

6) Com que frequência você escuta música?

- () Muito () Pouco () As vezes () Nunca

7) Você gostaria que seus professores utilizassem música durante as aulas? Justifique:

8) Que conteúdos de geografia, você acredita ser possível estudar através da música?

- Clima
- Relevo
- Hidrografia
- Política
- Regiões
- Urbano/Rural
- Sociedade
- Vegetação
- Economia
- Desigualdade Social
- População
- Temas diversos (violência, problemas ambientais)

9) Se você tivesse que aprender um conteúdo de Geografia e seu professor utilizasse um texto do livro didático ou uma música, com qual desses recursos você acha que aprenderia mais? Justifique:

10) Leia o trecho da música a seguir e responda as perguntas:

a) Como você imagina ser o local narrado pela música?

b) Por qual razão esse local seria assim?

c) Você consegue aprender melhor sobre esse lugar com o auxílio da música ou preferiria outro recurso didático?

Quando olhei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fomalha
 Nem um pé de plantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

OPCIONAL

Você conhece alguma música, que seja possível trabalhar algum tema ou conteúdo em uma aula de Geografia? Deixe sua sugestão: